

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

MARILENE DA SILVA REIS BARRETO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE
RELEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL PARA ALUNOS
DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS-ES
2020**

MARILENE DA SILVA REIS BARRETO

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE
RELEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL PARA ALUNOS
DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Drº. Jocitiel Dias da Silva
Coorientadora: Profª Mestra Bartira Zanotelli

SÃO MATEUS-ES
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

B273h

Barreto, Marilene da Silva Reis.

Histórias em quadrinhos como ferramenta de releitura e produção textual para alunos do 4º ano do ensino fundamental / Marilene da Silva Reis Barreto – São Mateus - ES, 2020.

77 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof. Dr. Joccitel Dias da Silva.

Coorientação: profª. Ma. Bartira Zanotelli

1. Histórias em quadrinhos. 2. Letramento. 3. Processos de leitura. 4. Atividades lúdicas. I. Silva, Joccitel Dias da. II. Zanotelli, Bartira. III. Título.

CDD: 371.33

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

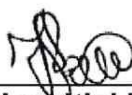
MARILENE DA SILVA REIS BARRETO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE
RELEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL PARA ALUNOS DO 4º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 29 de maio de 2020.

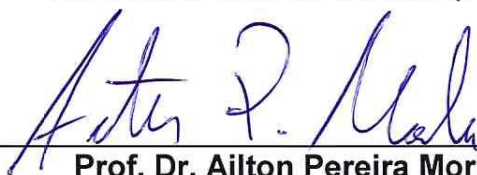
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Jocétiel Dias da Silva
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Ailton Pereira Morila
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

DEDICATÓRIA

Dedico esse projeto a minha amada família, por me dar todo apoio necessário nos momentos difíceis, e de ausência, para me dedicar a esse projeto.

A minha irmã Amélia da Silva Reis, que me apresentou histórias em quadrinhos na minha infância, fazendo com que eu me apaixonasse por esse gênero.

A memória do meu amado irmão Antônio da Silva Reis, que partiu desse mundo deixando uma imensa saudade em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por seu infinito amor e por iluminar o meu caminho e ter me dado forças para superar todos os obstáculos ao longo do percurso.

À minha amada família e a meu esposo, que me apoiaram em todos os momentos, até mesmo quando eu não estava presente, para o desenvolvimento desta pesquisa, que sempre souberam me acolher com sorrisos e afeto quando eu estava por perto.

À minha amada mãe Rosenilda, por me dar o incentivo e a perseverança necessários e o abrigo em seu abraço nos momentos mais difíceis.

À minha amada irmã Rosimere, por cuidar da minha mãe e do meu padrasto, nos momentos em que não estive presente, e por me dar o incentivo necessário, especialmente, nos momentos de apelo.

À minha amiga Fábيا Fagundes, por me ajudar nas inúmeras leituras e na revisão dessa pesquisa e por não me deixar desistir.

Às minhas amigas Jocielle e Soraia, que juntas, pelo trabalho compartilhado e colaborativo nos trabalhos e nas disciplinas realizadas, as quais sempre me apoiaram, ajudando-me a erguer a cabeça e a seguir em frente, nos momentos de desânimo.

Ao professor Joccitel Dias da Silva, meu orientador, por me auxiliar durante a realização desta pesquisa.

À Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, pela bolsa de estudos concedida para a realização desse mestrado.

A todos que, direta e indiretamente, torceram por mim, o meu muito obrigada!

Sim, os quadrinhos, com seus desenhos ora realistas, ora grotescos, ora barrocos, ora modernos, ora clássicos, podem ser amorosa e criticamente apaixonantes. Mas, como e onde se dá o lugar dessa paixão? Qual o seu verdadeiro significado histórico, crítico e teórico? Qual o seu lugar no espaço das artes contemporâneas? Como sentir, nas Histórias em Quadrinhos (HQs), a materialidade significante que aponta para uma leitura amorosa (em sendo produtiva) de seus potenciais gráficos e narrativos?

Cirne (2000, p.14)

RESUMO

A pesquisa ressalta o uso das Histórias em Quadrinhos como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento do letramento. Participaram deste estudo alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública localizada no sul do Espírito Santo. Seu propósito foi abordar como as histórias em quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de alunos e, para isso, buscamos entender como o uso das histórias em quadrinhos podem favorecer a prática de leitura e interpretação em sala de aula. Para fundamentar a pesquisa, corroboraram os teóricos: Soares (2003), Lorenzi e Pádua (2012), Ramos e Vergueiro (2012), Paiva (2003), Carvalho (2008), Val (2006), Perez (2002). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método de procedimento foi pautado na pesquisa-ação conforme Thiollent (2001). Para a coleta de dados e informações, foram propostos momentos de leitura de histórias em quadrinhos; uma entrevista estruturada, no transcurso do desenvolvimento de uma sequência de atividades em formato de oficinas com o propósito de estabelecer uma conexão entre as histórias em quadrinhos e o filme Spirit Cavalgando Livre, produzindo uma releitura em forma de HQs do filme mencionado. Os resultados revelaram a potencialidade das HQs para despertar o interesse dos alunos, ampliando-lhes habilidades leitoras, avançando no desenvolvimento da criticidade. A partir dessa pesquisa foi elaborado um guia didático com instruções de como produzir uma releitura de filmes infantis no formato de histórias em quadrinhos.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Letramento. Processos de leitura. Atividades lúdicas.

ABSTRACT

The research discusses the use of Comics as a pedagogical tool for the development of literacy. Fourth grade students from a public school located in the south of Espírito Santo State participated in the study. Its purpose was to address how comic books can contribute to the development of students' reading and interpretation skills and, for that, we seek to understand how the use of comic books can favor these practices in the classroom. The research was based on some theorists, such as: Soares (2003), Lorenzi and Pádua (2012), Ramos and Vergueiro (2012), Paiva (2003), Carvalho (2008), Val (2006), Perez (2002). This is a qualitative research, whose method of procedure was based on action research according to Thiollent (2001). For data collection and information, moments for reading comics were proposed, a structured interview was applied to the students, in the course of developing a sequence of activities, in the form of workshops with the purpose of establishing a connection between Comics and the film Spirit Free Riding. After this, students produced a re-reading in the form of comic books from the previous film. The results revealed the potential of comic books to awaken students' interest, expanding their reading capacities, advancing the development of criticality. From this research, a didactic guide was prepared with instructions on how to produce a re-reading of children's films in the format of comic books.

Keywords: Comics. Literacy. Reading processes. Playful activities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>The Yellow Kid</i> , do artista americano Richard Outcault, inaugurou a publicação dos quadrinhos em jornais.....	29
Figura 2 – As Aventuras de “Nhô-Quim” de Ângelo Agostini	30
Figura 3 – Caixa de histórias em quadrinhos para as atividades.....	41
Figura 4 – Mosaico evidenciando momentos do processo de produção de HQs pelos alunos	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipo de leitura predileta pelos alunos pesquisados	41
Gráfico 2 – Frequência à biblioteca e gêneros literários acessados pelos entrevistados	42
Gráfico 3 – Razões pelas quais os entrevistados utilizam livros em suas residências	43
Gráfico 4 – Quantitativo de alunos que conhecem revistas em quadrinhos	44
Gráfico 5 – Personagens de histórias em quadrinhos preferidos pelos entrevistados	45
Gráfico 6 – Percepção de personagens em quadrinhos que aparecem na mídia	46

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
HQ	Histórias em quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 LETRAMENTO	15
2.1.1 Os PCNs e outros documentos	17
2.1.2 Letramento X Alfabetização	21
2.2 O ENSINO POR MEIO DO LÚDICO	25
2.3 A EVOLUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	28
2.4 REVISÃO DE LITERATURA	33
3 PERCURSO METODOLÓGICO	35
3.1 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA	36
3.2 COLETA DE DADOS	37
4 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	39
4.1 CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS: RELEITURA DO FILME INFANTIL “SPIRIT CAVALGANDO LIVRE”	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – ENTREVISTA	58
APÊNDICE B – PRODUÇÃO DE REVISTA: HISTÓRIA EM QUADRINHOS	59
APÊNDICE C – PRODUÇÃO DE TIRINHAS	67
APÊNDICE D – GUIA DIDÁTICO	73
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PRES. KENNEDY	77
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA DA EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	78

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem de leitura está condicionada a diversos fatores, tais como: a influência familiar, a situação socioeconômica do educando, a classe social, a relação professor e aluno, entre outros, os quais podem tanto facilitar quanto dificultar o processo. Atualmente, as questões referentes às práticas pedagógicas para o ensino de leitura têm recebido atenção de muitos pesquisadores, vez que há a necessidade premente de aprimorar e inovar as ações de ensino em favor da prevenção e da redução dos casos de analfabetismo funcional. A ênfase deve ser no processo de ensino/aprendizagem da língua, para o domínio desta em suas variadas expressões. A leitura é um processo dinâmico, que ultrapassa as relações existentes em sala de aula (SOLÉ, 1998) e fora da escola, o aluno precisa ler o mundo que o cerca (FREIRE, 2001). Assim, a leitura muda a forma como o homem vê a sociedade, o mundo e a si mesmo, dessa forma é possível afirmar que a leitura permite ao indivíduo aprimorar sua relação com o mundo em seu redor.

Uma das estratégias de ensino bem criativas são as histórias em quadrinhos, considerando-se que são obras em que há a presença dos signos linguísticos e visuais, e se utilizam da linguagem verbal e da linguagem não-verbal. Os signos possuem a função de auxiliar o homem a interpretar a realidade que o cerca e estão presentes em toda parte.

De acordo com Vergueiro (2010), a introdução das histórias em quadrinhos na educação aconteceu de forma restrita, empregadas, inicialmente nos livros didáticos para ilustrar textos complexos. Com o tempo, notou-se a boa aceitação entre os alunos e as pesquisas mostraram os benefícios de sua utilização nas salas de aula, como apoio pedagógico a diversas disciplinas.

Entre os resultados possíveis advindos da utilização das histórias em quadrinhos estão o incentivo à leitura e a ampliação do vocabulário do aluno. O compromisso dos professores com o aprendizado dos alunos é essencial e entre as diversas possibilidades de materiais disponíveis estão as histórias em quadrinhos.

Essa pesquisa pretende entender como as histórias em quadrinhos podem beneficiar o processo de leitura no Ensino Fundamental I. A relevância do tema – Uso das histórias em quadrinhos como fonte de leitura e interpretação de texto para alunos do 4º Ano – se justifica por se tratar de um gênero que, segundo Ramos (2009, p. 19) [...] “cria uma expectativa de leitura, que não pode ser ignorada” e pelo fato de as

histórias em quadrinhos apresentarem diversos elementos que favorecem no desenvolvimento de habilidades críticas no leitor.

O que nos motivou a escolher esse tema foi o fato de termos sido alfabetizados a partir de leituras de histórias em quadrinhos, e pelo fato de elas serem uma ferramenta que possui vários recursos atrativos como imagens, gestos, cores, expressões e lacunas, que convidam o leitor a estabelecer uma interlocução criativa com seus temas.

O desenvolvimento desta pesquisa também se justifica em razão da importância da utilização das histórias em quadrinhos como fonte de leitura e interpretação dentro da sala de aula, tendo em vista que são textos pequenos, ilustrados, que favorecem a curiosidade em querer ler mais, abrindo caminho para a formação de um leitor crítico. As histórias em quadrinhos também contribuem para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. A sociedade transcorre em uma longa trajetória, na qual as trocas sociais têm acontecido rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual, a escola precisa, pois, reconhecer, e ampliar, a capacidade da leitura e interpretação. A leitura das histórias em quadrinhos configura-se como um instrumento pedagógico eficiente no sentido de despertar o gosto pela leitura (FOGAÇA, 2002, p.125).

Tendo até aqui apresentado, ainda que em linhas gerais, as potencialidades do uso das histórias em quadrinhos, apresentamos o problema de pesquisa que norteou sua organização: como as histórias em quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação dos alunos do Ensino Fundamental?

Para responder essa questão, delineamos o objetivo geral da pesquisa, qual seja: compreender como o uso pedagógico das histórias em quadrinhos pode favorecer a prática de leitura e interpretação de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, promovendo o gosto pela leitura e desenvolvendo a criticidade.

Para alcançar a meta proposta no objetivo geral estabeleceram-se os objetivos específicos:

- Identificar, junto aos alunos, os tipos de histórias em quadrinhos que eles conhecem;
- Apontar as contribuições que a leitura e interpretação das histórias em quadrinhos proporcionam para o desenvolvimento do letramento do educando;

- Descrever de que maneira as histórias em quadrinhos desenvolvem a leitura reflexiva e interpretação crítica dos alunos;
- Criar um guia didático para professores, com o passo a passo, sobre como criar histórias em quadrinhos a partir da releitura de filmes infantis.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, conforme apresentamos a seguir. No primeiro capítulo destacamos a relevância do uso das histórias em quadrinhos como fator para que o discente aprimore sua habilidade, uma vez que elas contam com textos pequenos e os desenhos colaboram para que o aluno se sinta atraído por tal leitura. A introdução também apresenta os objetivos que pretendemos alcançar com essa pesquisa.

A partir do segundo capítulo, delineamos a perspectiva de vários autores sobre as histórias em quadrinhos e a concepção teórica defendida por eles, isto é, o uso das histórias em quadrinhos é importante para a formação leitora do discente. Discutimos, ainda, como elas estão inseridas nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), nos livros didáticos e em outros documentos, evidenciando sua presença no ensino lúdico. Darão suporte a esta pesquisa os seguintes teóricos: Soares (2003), Lorenzi e Pádua (2012), Ramos e Vergueiro (2012), Paiva (2003), Carvalho (2008), Val (2006), Perez (2002).

O terceiro capítulo explicita a metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa. Adotamos a pesquisa-ação, por meio da qual apresentamos a proposta de uma releitura em forma de uma história em quadrinhos do filme infantil *Spirit Cavalgando Livre*. A releitura foi desenvolvida pela autora desta pesquisa (professor-pesquisador) em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal localizada no sul do Espírito Santo.

Já no quarto capítulo estarão elencados os resultados e as informações coletadas a partir da pesquisa desenvolvida, os quais foram analisados a partir dos teóricos que dão suporte a esta pesquisa.

Em sequência, no quinto capítulo, apresentam-se as ponderações abstraídas dos resultados finais da pesquisa. Em seguida, inserido no Apêndice D, consta o guia didático que poderá ser utilizado por professores como suporte para trabalhar a leitura e releitura de histórias em quadrinhos advindas de filmes infantis.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo serão abordados aspectos relevantes referentes ao letramento, os PCN's e outros documentos, o ensino lúdico, HQs em sala de aula e relações entre letramento e alfabetização, que nortearão as discussões desta dissertação.

2.1 LETRAMENTO

Para aprofundar o entrosamento tanto de fundamentos teóricos quanto de diretrizes para o processo de alfabetização, o termo letramento veio para agregar-se à política educacional, propiciando uma nova visão no campo da leitura e no interagir social. O conceito de letramento aparece em meados da década de 1980, ganhando destaque no cenário educacional brasileiro na década de 1990. Estudos de Soares (1998) e Kleiman (1995) são representativos desta época, ainda que tratem o conceito de modo distinto. O estudo de Soares (1998) é o que mais alcança propostas educacionais e pesquisas. Expondo-o de forma extensa, podemos argumentar que o conceito é apresentado para ressaltar uma dimensão fundamental do processo de alfabetização que tem ficado encoberta: o valor social da aprendizagem da escrita e os usos e funções sociais desta modalidade de linguagem.

Segundo Lorenzi e Pádua (2012):

O conceito de letramento abre o horizonte para compreender os contextos sociais e sua relação com práticas escolares, possibilitando investigar a relação entre práticas não escolares e o aprendizado da leitura/escrita. Se este é um fenômeno social, devemos trazer para o espaço escolar os usos sociais da escrita e considerar que a vivência e a participação em atos de letramento podem alterar as condições de alfabetização (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 36).

A importância de letramento, elevado à categoria de um parâmetro para o método de alfabetização, pode acabar assinalando os que foram excluídos, para quem a linguagem escrita não tem um peso visível, cujas técnicas pessoal e profissional dela podem se isentar. Na probabilidade de mencionar a definição social da aprendizagem da língua escrita, o uso da noção de letramento tem se inclinado a dividir os seguintes binômios: individual e social, técnica e conhecimento, fonema e linguagem, forma e sentido, entre outros.

Na visão pedagógica, deu-se início a formas para entender como trabalhar com o letramento, ou seja, como transformá-lo em prática. Esse termo entra no circuito escolar, em que tudo necessita tornar-se conteúdo didático, esgotando-se da definição cultural, socialmente referenciado.

De acordo com Magda Soares (2003), em seu artigo *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*, a ampliação da definição de alfabetização em direção ao conceito de letramento, levaram à perda de sua particularidade:

[...] no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, [...] o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização [...]. (SOARES, 2003, p.8, grifos nossos).

Essa associação dos dois processos, que induz à chamada “desinvenção da alfabetização”, agrupada à interpretação errada das novas perspectivas teóricas, ocasionou, na prática, a negação de qualquer atividade que apontasse para a aquisição do sistema alfabético e ortográfico, como o ensino das relações entre letras e sons, a ampliação da consciência fonológica e a consideração das partes menores das palavras, como as sílabas, vez que eram vistos como tradicionais. Acreditava-se que o aluno aprenderia o sistema com facilidade, considerando seu contato com a cultura letrada, como se ele pudesse aprender sozinho o código, sem ensino sistemático.

Os métodos de aprendizagem da escrita abrangem afinidades com as experiências de vida dos sujeitos, com seus valores. Não basta fornecer um contexto para as unidades de trabalho, sejam letras, palavras, sílabas ou textos, no caso da linguagem escrita. Existem sugestões de práticas de ensino da escrita em que a noção de letramento é analisada na expectativa de práticas sociais letradas, todavia tais práticas não são homogêneas e consensuais. O início são textos socialmente legítimos, mas a linguagem é trabalhada como um elemento sem importância, com preferência para o julgamento da língua orientada pelo professor, subordinando o conhecimento e as possibilidades de julgamento das crianças, e as próprias crianças, ao estudo de propriedades do sistema linguístico.

Segundo Soares (2003), a palavra letramento é de uso atual e configura-se como o processo de relação das pessoas com a cultura escrita, em face do que é

incorreto afirmar que uma pessoa é iletrada, vez que todas as pessoas mantêm contato com o mundo escrito. Entretanto, existem diversos níveis de letramento, podendo variar segundo a realidade cultural.

Para Lorenzi e Pádua (2012), o processo de letramento pode ter início muito antes do domínio da escrita:

A criança, mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de letramento, pois ela já faz a leitura incidental de rótulos, imagens, gestos, emoções. O contato com o mundo letrado acontece muito antes das letras e vai além delas (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 35).

O letramento articula-se às técnicas sociais, em que a pessoa estabelece uma visão do contexto social em que vive. Isso significa que a alfabetização funcional como um método mais concentrado na individualidade de cada um e o letramento como uma prática mais ampla e social. Isso destaca a ação do professor no processo, o qual deve promover a construção de pensamento crítico em si mesmo e em seus alunos (SOARES, 2003).

A partir da interação social, o conteúdo terá significado para os alunos, que estabelecerão noções gradativamente, ampliando seu olhar sobre a sociedade. As atividades devem requerer tanto a alfabetização quanto o letramento. Para Lorenzi e Pádua (2012, p. 35) (...) “letramento comporta o conceito de alfabetização, e alfabetização supõe ações específicas”. Dessa forma, o ensino do código alfabético estará acordado com o seu uso social em diversos momentos.

2.1.1 Os PCNs e outros documentos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reafirmam a importância da escola na formação de sujeitos sociais para a sociedade: [...] é necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva (BRASIL, 1997, p. 33).

A prática de leitura sob a ótica do letramento é importante e, aliada às HQs, poderá ser utilizada como um forte instrumento para a abordagem em diversas linguagens; as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (BRASIL, 1997).

De acordo com os PCNs (1997), o conjunto de conteúdos se articula dentro do processo de ensino e aprendizagem, que está envolvido em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. Nessa concepção de ensino, situa a história em quadrinhos como uma ferramenta que utiliza desses eixos de construção do conhecimento, pelo fato de a mesma funcionar como uma facilitadora na transmissão de informações de forma lúdica, atrativa e, por conseguinte, contribui para o aprendizado das temáticas discutidas em sala de aula. É necessário que a escola ofereça e garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para a formação crítica dos alunos.

Os PCNs (1997) ressaltam o elo entre as HQs e temáticas voltadas para os temas transversais, o qual ocorre por meio de abordagens de assuntos relevantes às questões sociais, portanto, conteúdos como sustentabilidade, saúde, orientação sexual, educação no trânsito, entre outros, compõem uma coletânea de quadrinhos que podem ser usados por leitores de todas as idades, o foco é tornar conceitos mais acessíveis ao público. Segundo Ramos e Vergueiro (2018, p. 37) “quadrinhos são uma manifestação artística autônoma (...), mas ganhou novo fôlego a partir de 2006, possivelmente a partir da lista do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola).

Essa perspectiva revela que a história em quadrinhos, por meio da linguagem informal integra temas transversais, o que resulta em uma aprendizagem mais próxima da realidade, familiar, divertida e dinâmica. O único limite para seu aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de utilizá-la para atingir seus objetivos de ensino (RAMOS; VERGUEIRO, 2012).

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o professor deve fazer a inserção das HQs para que o educando possa construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras, interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).

Assim sendo, para que o incentivo à leitura tenha papel fundamental para o leitor, cumpre à escola a responsabilidade de desenvolver projetos de formação de leitores, visando a atingir as competências apontadas na BNCC. As indicações legais mostram que:

[...] assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-

juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor readaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais (BRASIL, 1997, p. 70).

Os (PCNs) comprovam, também, uma sensível evolução quanto à aceitação dos quadrinhos como linguagem artística a ser trabalhada em sala de aula efetivamente. Porém, sua autonomia é debatida e, frequentemente, a narrativa gráfica é colocada em uma posição inferior em relação à literatura. Segundo Vergueiro e Ramos (2018), nos últimos anos, o PNBE escolheu um bom número de HQs, por exemplo, as listas, no entanto, expõe uma clara preferência por adaptações literárias e a narrativa gráfica, quando autoral, faz presente, basicamente, com narrativas mais intimistas, voltadas para temas focados em um universo mais realista, diferentemente das histórias e personagens fantásticas com as quais as HQs continuamente se identificam. Nos dois casos, mais uma vez, demonstram-se escolhas e preconceitos.

Ainda de acordo com a recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental para o uso dos gêneros do discurso no contexto da sala de aula, particularmente para o trabalho com a leitura, bem como o oferecimento de um contato sistematizado e intenso dos alunos com a literatura, o gênero textual histórias em quadrinhos tem encontrado destaque.

Vergueiro e Ramos (2009) afirmam que a inclusão do gênero nos PCNs permitiu maior utilização das HQs no âmbito educacional, como a busca do conhecimento mais amplo e sistemático por educadores, estudiosos e pesquisadores acerca do processo de evolução e das características do gênero em questão, com vistas a um trabalho mais dinâmico.

Um aspecto importante no contexto do ensino das HQs é que:

[...] os PCNs de Língua Portuguesa também mencionam os quadrinhos. No caso do Ensino Fundamental, existe referência específica à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda (2008: 38,54). O mesmo texto menciona igualmente as tiras como um dos gêneros a serem usados em sala de aula (2008: 54). Nesse sentido, uma das propostas dos PCN de Língua Portuguesa é que o conteúdo seja transmitido por meio de gêneros, conceito até então desconhecido pela maior parte dos docentes (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, pp. 10-11).

A narrativa gráfica e as histórias em quadrinhos sujeitarão o educador a uma abordagem que, basicamente, aprecie tanto o apoio do texto escrito quanto o da imagem. Sobretudo, sua abordagem deverá, continuamente, apontar para as possibilidades que se abrem a partir da articulação desses dois suportes, no momento

da narrativa, o que significa explorar um trabalho com o texto imagético, da mesma maneira como acontece, com frequência, com o texto literário, o qual aponta para os seus potenciais poéticos e subjetivos próprios. Essa importância dada ao texto não verbal é coerente, do mesmo modo, com o que consta dos PCNs, segundo mencionam Vergueiro e Ramos (2009):

Quando o aluno identifica os “truques” que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos e que aqueles e outros efeitos são também utilizados na arte, distinguindo os estilos das diversas tradições, épocas e artistas, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante (MEC *apud* VERGUEIRO; RAMOS, 2008, p. 11).

Os PCNs, a partir de suas Orientações Educacionais, desde 1999, no Brasil, confrontam com esse distanciamento entre textos verbais e não verbais e aconselham ao professor, abordagens que, possam promover, eventualmente, competências com grandes características do estilo misto de leitura das HQs, por exemplo, como no caso abaixo:

Atualmente entende-se que também a linguagem não verbal perpassa os conteúdos e temas da nossa disciplina. Por exemplo, ao aproximar um texto literário de outro texto, construído em linguagem não verbal, analisando os recursos expressivos de cada um deles com base em critérios de semelhanças e diferenças, podem ser relacionados textos e contextos de uso. Tais conceitos podem ser desenvolvidos comparando-se por exemplo o texto de Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, com as imagens de Cândido Portinari, em *Os retirantes*; ou relacionando uma coletânea de poemas que tematizem o trabalho e imagens extraídas do livro *Trabalhadores*, do fotógrafo Sebastião Salgado (BRASIL, 2002, p. 59).

As HQs começaram a ser valorizadas, no contexto escolar, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996. Foram os Parâmetros Curriculares Nacionais os responsáveis diretamente pela oficialização desse gênero.

[...] pode-se afirmar que os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos PCN, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10).

Os PCNs revelam também a importância de o professor trabalhar as várias linguagens existentes na sociedade, não se limitando a uma exclusivamente. É importante citar a presença dos quadrinhos nas provas do Enem, o qual solicita ao aluno a leitura de linguagens verbais e não-verbais.

A inserção dos quadrinhos nos acervos dos PCNs, PNBE e em tantos outros, como em livros didáticos, exames de vestibulares, provas do Enem, evidencia que esse gênero não é aproveitado somente para entretenimento ou na Educação Infantil, mas é apreciado por leitores de todas idades.

2.1.2 Letramento X Alfabetização

Uma consideração básica para a alfabetização é de que se trata de um processo metodológico que leva à aprendizagem inicial da leitura e escrita. Ou seja, alfabetizada é aquela pessoa que domina capacidades básicas para fazer uso da leitura e da escrita.

Val (2006) pontua alguns conceitos de alfabetização:

Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita (VAL, 2006, p. 19).

Para Perez (2002), o processo de ensino e aprendizagem é contínuo, moldado a partir do contexto social, sendo que a criança é alfabetizada muito antes de chegar ao ensino regular:

É um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola (PEREZ, 2002, p. 66).

Partindo das considerações expostas por estes dois autores, constatamos que a alfabetização se configura como um processo de ensino aprendizagem que acontece antes, durante e depois do período escolar, ou seja, a alfabetização acontece dentro e fora do espaço escolar. A alfabetização, então, é a ação de fazer com que a pessoa se aproprie de capacidades que levam à leitura e à escrita.

Em relação ao fato de que o processo de alfabetização não possui um método único, verdadeiramente, eficaz ou uma receita pronta, a especialista no tema Carvalho (2008) afirma que:

Quem se propõe a alfabetizar, baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe (CARVALHO, 2008, p. 17).

Os métodos de alfabetização que existem podem ser classificados como métodos sintéticos e métodos globais. Porém, para sua aplicação, Carvalho (2008) assegura que:

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar soluções para os problemas dos alunos que não acompanham (CARVALHO, 2008, p. 46).

A alfabetização é a obtenção do código da escrita e da leitura. Segundo Soares (2010), esta ocorre por meio da propriedade de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas. A criança deverá perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras).

Há, a princípio, duas distintas formas de se dominar o saber adquirido com a alfabetização, que consiste no ato de ler: pode-se ler, no simples sentido de codificar as palavras, decifrando códigos alfabéticos, e pode-se, além disso, elevar essa capacidade cognitiva a situações que exigirão mais do que somente a apropriação da informação dada diretamente o que chamamos de letramento, algo que não é, como lembra Cosson (2011, p.11), somente a “habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização (...) apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas”.

Dominar a leitura, em um significado primário, estabelece, de início, um ato de cidadania, ninguém negará isso, mas quanto a este ato de ler em especial, pode-se resumir que se trata tão somente de alfabetização; erguer esse primeiro domínio a outras esferas deve ser encarado, ao mesmo tempo, como uma prática cidadã, uma necessidade humana.

Neste sentido, o ato de formar leitores vai além, pois implica libertá-los das amarras da ignorância, possibilitando-lhes o contato com diversas culturas. Ao considerar, ainda, que a formação do leitor ocorre até mesmo antes do processo de

alfabetização, conforme Freire (1989, p.9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, percebemos a importância social da leitura e de seus significados na vida da criança.

Magda Soares (2010) faz menção aos tipos de letramento, dividindo-os em letramento digital e midiático, conforme estudos de Brian Street (2010). A partir dos anos de 1980 é que o termo “letramento” foi introduzido no Brasil, em estudos de linguística aplicada das autoras Mary Kato e Leda Tffouni, Ângela Kleiman e Magda Soares.

Concordando com Street (2010) quando este chama a alfabetização de “letramento autônomo”, Soares (2010) defende que:

Parece-me, então, que já é tempo de refletirmos não propriamente sobre o que é letramento, ou sobre como desenvolver o letramento nas escolas ou no país, mas sobre o uso que vimos fazendo dessa palavra, sobretudo quando temos o privilégio de ter conosco o professor Brian Street (SOARES, 2010, p. 55).

Aquele que aprende a ler e a escrever assume a condição de autonomia e saber. A palavra letramento foi criada ao pé da letra do inglês “literacy”; é, assim, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, o estado que atinge a pessoa ou grupo após se apropriar da escrita, ou seja, após fazer uso social da escrita.

Para Soares (2000), o letramento foca habilidades no campo da leitura e da escrita:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 2000, p. 72).

Brian Street (2010) define múltiplos aspectos dessa nova abordagem para letrar a comunidade. O enfoque do letramento social, com base na etnografia, se auxilia do universo cultural dos sujeitos, extraíndo dele o que é realmente significativo. Sendo assim, os eventos de letramento são ricos nessas sociedades. As imposições culturais e internacionais não levam em conta a realidade social dos indivíduos, o que tem insinuações pesadas e negativas para um povo, uma comunidade. O letramento, do

ponto de vista adotado pelo professor, deve obedecer ao imperativo da realidade do homem, do meio, da sociedade, de sua cultura. Somente a partir desses elementos poderá haver um letramento incorruptível que valorize o indivíduo em sociedade. Esses eventos são pontos de partida para a ampliação das técnicas escritas de um ponto de vista crítico e humanista. Partindo do período em que as ocorrências de letramento de uma sociedade são reconhecidas e aproveitadas pela preparação de outras ocorrências de escrita e leitura estabelecidos socialmente, é possível se formar seres humanos mais capazes de distinguir a sua posição no mundo e se posicionar politicamente sobre temas que dizem respeito a suas vidas. O autor destaca a diferença entre letramento autônomo (alfabetização), sem comprometer-se com a realidade social, e o letramento social, ou seja, aquele que se baseia em uma abordagem etnográfica. O teórico descreve ainda como fazer isso na formação de professores que atuarão no letramento social, induzindo-os, por exemplo, a andar pelas ruas de uma comunidade e a encontrar nelas textos escritos em muros e relatos de pessoas que possam servir de base para um programa característico de letramento, já que não se pode ter um programa universal, ponderando as diferentes realidades sociais humanas.

O autor aborda os diversos níveis de letramentos que podem existir, a partir do uso significativo de elementos linguísticos comunicacionais e tecnológicos: celulares, computadores, televisão entre outros, porém, alerta para que o componente social dessas tecnologias não seja esquecido, que é a finalidade pelo qual existem. Nessa ponderação, por julgar o termo mais adequado, chama esse letramento de “letramento digital”, e assinala que as práticas sociais definem como se utiliza a tecnologia no meio social (STREET, 2010). Analisando a realidade atual no uso das tecnologias, apontamos a necessidade de criatividade para os usos pedagógicos dessas possibilidades. Como ilustração, exemplificamos os eventos recentes no Brasil, como os protestos coletivos, que foram planejadamente escritos e comunicados pelas redes sociais, demonstrando o quanto é adequada a afirmação do autor (STREET, 2010).

Trata-se de uma necessidade da atualidade, o letramento digital. O professor, convicto dessa compreensão da prática de letramento, poderá se apropriar dessas probabilidades e produzir eventos de letramento aprimorados na realidade dos sujeitos e grupos sociais, principalmente os jovens, que atualmente são envolvidos por essas tecnologias.

Segundo Street (2010):

No final das contas, é isso que todos fazemos o tempo todo. Mas como sabemos e como fazemos? Sugiro o uso de perspectivas etnográficas que se baseiam em teorias de letramento de tipos sociais que observam educação mais de perto, não somente como ensino, mas como aprendizagem (STREET, 2010, p. 53).

Do ponto de vista antropológico, o letramento é visto como, as práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essa prática em determinada cultura (SOARES, 2010). Nessa definição, cabe reiterar que a cultura não letrada ou letrada tem implicações sociais. As implicações do letramento para as políticas públicas são cogitações desenvolvidas por conhecedores e assinalam que a pesquisa sobre letramento deve servir de base para ações objetivas dos gestores da educação pública. O pesquisador deve desenvolver um trabalho lento, a pesquisa não deve ser urgente, para criar estratégias que façam a ponte entre pesquisa e políticas públicas (SOARES, 2010).

Os trabalhos, reflexões e textos de Street (2010) e Soares (2010) ajudam-nos a compreender o cenário atual de estudos sobre o letramento social e suas implicações para o desenvolvimento crítico e humano no Brasil. São contribuições importantes para que se tomem decisões importantes e acertadas para qualquer política pública que vise mudanças na sociedade quanto ao seu perfil leitor.

O letramento ultrapassa o simples ato de ler e escrever, ele tem função social, enquanto a alfabetização se encarrega em preparar o indivíduo para a leitura e um desenvolvimento maior do letramento do sujeito. Nesse ponto de vista, alfabetização e letramento se completam e enriquecem o desenvolvimento do aluno.

2.2 O ENSINO POR MEIO DO LÚDICO

Por meio do lúdico, o aluno poderá ampliar o raciocínio lógico para refletir, com agilidade, aprimorando seu poder de concentração e sua capacidade criadora, além de sua abstração e sua capacidade de organizar informações. O lúdico também propicia o desenvolvimento de habilidades para tomar decisão e a inteligência espacial, podendo favorecer, até mesmo, sua habilidade de memorização para auxiliar no estudo de todas as disciplinas.

Segundo Vygotsky (1998), o lúdico apresenta-se como uma possibilidade de estratégia que visa à reflexão e à ligação entre o que é imaginário e o que é real. No entanto, a inserção do lúdico se justifica na medida em que pode ajudar os docentes a promover uma educação que resgate os valores humanos, garantindo-lhes atuar de forma física e mental, por meio de influência mútua viabilizando a melhoria do ensino.

O lúdico pode ampliar a capacidade criadora e a concentração, contribuindo para recuperar a habilidade plena de aprendizagem e acender novas passagens de sonhos e concretizações. No passado, a ludicidade era tida como sem muita importância, atualmente é analisada como algo essencial no procedimento, fazendo com que surjam mais estudos científicos para alcançar sua extensão no desempenho humano e busquem novos formatos de interferência pedagógica, como estratégia que favorece todo o método. E assim:

Se alguém é estimulado a ser livre de entraves, a atuar com prazer, a buscar a harmonia de tónus e a economia de esforço é por este caminho que seguirá. Se tiver sentidos estimulados, através principalmente de atividades lúdicas (lembre-se: lúdico=prazer), será um corpo mais atuante, mais desperto, mais criativo. Mas se é constantemente reprimido, acachapado, tende a restringir-se no espaço e na atuação (VIANNA; CASTILHO, 2002, p. 27).

A aprendizagem necessita ser desenvolvida em um formato agradável e, para isto, sugerimos a aprendizagem por meio do lúdico.

O lúdico na educação é utilizado para valorizar a perspectiva do aluno. Reencontrar o lúdico, entender seu valor revolucionário, torna-se imperativo se deseja preservar os valores humanos do homem. Da mesma forma, por meio dele podemos resgatar a criatividade, ousando experimentar o novo, acordar do estado vegetativo, improdutivo, disfuncional do corpo ou da mente e escolher tornar-se homem, resistindo às experiências de vida desumanizantes, acreditando em si, em suas ideias, sonhos e visões, elementos, entre outros, percebidos como intrínsecos dos homens e da humanidade. O lúdico precisa ser utilizado durante o processo ensino aprendizagem de conteúdos científicos. Ele não é o fim, mas um meio para alcançar objetivos de forma prazerosa (MELLO, 2003, p.31).

De tal modo, perante o exposto, destacamos a seriedade da metodologia pedagógica que se utiliza de estratégias lúdicas para que o educando se aproprie, com máximo empenho, dos conteúdos. É de extraordinária importância que o docente se aproprie do lúdico no seu planejamento e que seus objetivos sejam claros, na sua intencionalidade. Assim sendo, transformará o lúdico em uma ligação entre os conteúdos a serem desenvolvidos e as atividades a serem concretizadas.

Essa composição no planejamento proporciona mais agilidade, inteiramente pertinente com suas finalidades. Campos (1993) salienta que:

A ludicidade poderia ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor pudesse pensar e questionar-se sobre sua forma de ensinar relacionando a utilização do lúdico como fator motivante de qualquer tipo de aula (CAMPOS, 1993, p.25).

O lúdico deve ser explorado na sala de aula como algo de cunho pedagógico, tornando-se indispensável ao docente mensurar distintas práticas lúdicas, possibilitando aos educandos um ensino que respeita seus anseios, de modo a ativar seus conhecimentos e agilidades, cedendo lugar a uma visão focada em métodos verdadeiramente adequados.

Entretanto, para realizar-se o lúdico no contexto escolar, demanda-se muito empenho, ponderando que não é um trabalho muito simples. Para tal, é imprescindível que os envolvidos no método de ensino se centralizem em finalidades e procedimentos que envolvam inúmeras possibilidades. O docente necessita focalizar as finalidades que busca alcançar com a atividade lúdica que ele for formular ou recriar, seguindo a condição em que o educando se encontra e o período de duração da atividade, para que seja plausível a atuação, exploração e recriação.

Santos (1998) afirma que:

O cuidado que se deve ter para não fazer da atividade lúdica uma atividade mecânica, repetitiva, que visa principalmente atingir os objetivos da educação formal. Quando se busca apenas os conteúdos escolares, pode transformar o lúdico em atividades didáticas, que têm como finalidade o produto e não o processo (SANTOS, 1998, p. 57).

Baseando-se nessa afirmação, o educador necessita enaltecer a naturalidade da criança, elaborando o ambiente do lúdico, a partir da sua capacidade criadora, para troca dos conhecimentos em meio a todos os educandos participantes da atividade.

Portanto, é essencial que o educador aplique o lúdico em sala de aula para provocar no educando o interesse pelo entender, já que a sentido da ludicidade é contribuir para o estímulo do desejo. Por esse motivo, o educador necessita permanecer continuamente refletindo sobre seu método, buscando a melhor forma de associar o lúdico ao conteúdo sugerido.

Compreendendo que o jogo possui diferentes resoluções, antecipadamente instituídas (RAMOS, 1990; HUIZINGA, 2001), a grande maioria possui doses de

humor, com preceitos linguísticos convenientes e normas para sua leitura, que preveem leitores e códigos específicos. Conforme Quella-Guyot (1994), a utilização dos ideogramas e da própria narrativa é empregada com regularidade nos quadrinhos, buscando uma harmonia entre arte e ludicidade.

Seria imprescindível que o educador compreendesse que uma atividade lúdica não terá qualquer resultado se não for capaz de estimular o entusiasmo por parte dos jogadores. As atividades devem ser organizadas para provocar e despertar os interesses dos educandos para a leitura, como exemplo o uso de histórias em quadrinhos.

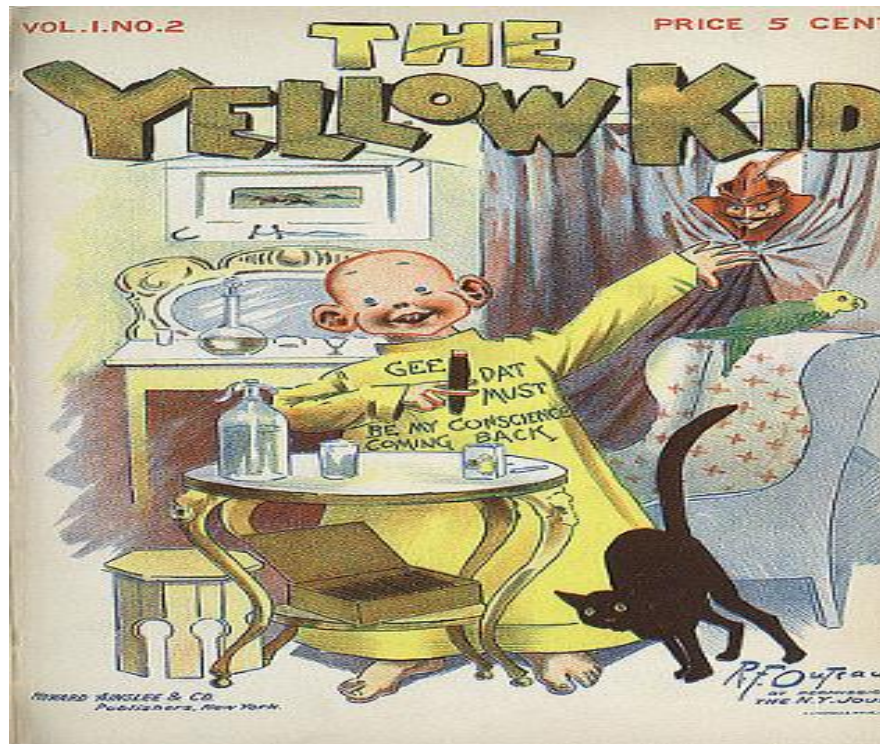
O lúdico se faz presente nas histórias em quadrinhos por meio de um conjunto de elementos que propiciam ao leitor interagir com o texto tanto por aspectos visuais quanto cognitivos, ou seja o formato dos quadrinhos com seus recursos (balões, cores, linhas, expressões, gestos, conexões entre quadros etc) dinamiza o processo de leitura, tornando-a um momento prazeroso e divertido (EISNER, 2001). Sendo assim, este gênero desenvolve a criatividade, amplia o saber e, por meio dos quadrantes, o leitor se transpõe, interage com o texto e aprende se divertindo.

2.3 A EVOLUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A primeira história em quadrinhos foi criada pelo artista americano Richard Outcault, em 1895, com a publicação da primeira tirinha que convencionou a linguagem das HQs, tal qual se conhece hoje, associada à narração, expondo texto e imagem que se complementam. As HQs ficaram, por muito tempo, sob o rótulo de “subgênero”, no entanto, elas têm ganhado espaço, evidenciando que grandes histórias podem ser contadas sob o viés da arte sequencial (PEREZ 2015).

A linguagem das HQs dos tempos atuais empregada em quadrantes com personagens fixos, ações fragmentadas e diálogos organizados em balões de texto, foi inaugurada nos jornais sensacionalistas de Nova York, com uma tirinha de Outcault, chamada *The Yellow Kid* (Figura 1), a qual fez tanto sucesso que acabou sendo disputada por jornais renomados. O modelo empregado por Outcault não surgiu por acaso, pois as histórias em quadrinhos mais antigas surgiram em contextos sociais diversos (PEREZ, 2015).

Figura 1 – *The Yellow Kid*, do artista americano Richard Outcault, inaugurou a publicação dos quadrinhos em jornais



Fonte: Perez, Luana Castro Alves. **História da História em Quadrinhos.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/historia-historia-quadrinhos.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2019.

As HQs que retratam a vida de super-heróis são as que fazem mais sucesso. Vinculada à arte sequencial e conduzidas conforme a linguagem cinematográfica, ganham importância internacional, povoando o imaginário de leitores de todo o mundo. Porém, nem toda HQ fica limitada a narrar as aventuras de personagens superpoderosas: os artistas Marjane Satrapi e Art Spiegelman utilizaram as histórias em quadrinhos para narrar suas histórias de vida. O livro *Persépolis*, de Marjane Satrapi, publicado em quatro volumes, relata a infância da escritora iraniana durante a Revolução Islâmica. Já o americano Art Spiegelman publicou o livro *Maus*, e por sua origem judaica, conta a história de seus pais, sobreviventes dos campos de concentração de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil a primeira revista em quadrinhos foi publicada em 1905 pelo jornal *O Malho*, chamou-se *O Tico-Tico* cujo personagem mais famoso foi o menino Chiquinho, criado pelo artista Renato de Castro, sob influência da HQ francesa *La Semaine de Suzette*. Apenas em 1960 que o público conheceu um gibi completamente colorido, com a publicação de *A Turma do Pererê*, do cartunista Ziraldo, o qual foi apresentado pela Editora O Cruzeiro, com personagens inspirados na cultura nacional

[...] os quadrinhos nasceram dentro do jornal — que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, — frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior — que o esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte — ou um novo tipo de literatura — tendo o consumo como fator determinante de sua permanência temporal (CIRNE, 1970, p. 45).

Em face de toda sua potencialidade para o desenvolvimento de habilidades de leitura, baseados em Araújo, Costa e Costa (2008), apontamos a importância de trabalhar as histórias em quadrinhos na escola, e para isso citamos que:

[...] os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável, sem falar na presença de técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo, entre outras, que são importantes nas artes visuais e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação, induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando visualmente (ARAÚJO, COSTA; COSTA, 2008, p. 29).

O tema das histórias em quadrinhos ganhou destaque no meio acadêmico e interesse nas pesquisas científicas devido a influência de pessoas de respeito no mundo artístico, como relatam Araújo, Costa e Costa (2008):

[...] por meio de estudos realizados em âmbito acadêmico e que envolvem esse tema, percebemos também o quanto os quadrinhos vêm sendo estudados na universidade nos dias atuais. Podemos observar que por mais que tenha algum obstáculo a essa temática, com relação a sua linguagem, diversos docentes, discentes e pesquisadores da área de Comunicação e de Educação estão desenvolvendo pesquisas em torno deste tema, contribuindo para a produção de conhecimento. [...] a sua aceitação como instrumento didático, a sua inserção no meio acadêmico só ocorreu devido à influência de pessoas respeitadas no mundo artístico como o americano Roy Lichtenstein, artista da *Pop Art*. 6, em meados do século passado, ter explorado a estrutura gráfica dos quadrinhos em suas obras e, de pesquisadores de renome nacional (ARAÚJO, COSTA; COSTA, 2008, p. 27).

De acordo com Araújo, Costa e Costa (2008), eventos realizados ao longo dos anos, como Congresso Internacional de Lucca, na Itália e a exposição de histórias em quadrinhos no Museu de Artes de São Paulo, ocorrida na década de 70 favoreceu o estudo do tema em pesquisas científicas.

Mendonça (2002) ressalta que, com o passar do tempo, as HQs foram ganhando estabilidade e alcançaram sucesso com publicações especializadas, denominadas gibis. Nos dias atuais, ainda há publicações em jornais, mas encontram-

se, também, em outros tipos de veículos, tais como gibis, que atendem aos mais diversos leitores, revistas voltadas ao lazer das crianças, além disso, as HQs ganharam espaço na mídia televisiva, em formato de desenho animado e publicações, voltadas como informativo de empresas pública e privadas.

É importante mencionar que ao empregar as HQs na educação, o professor deve considerar que não existem regras para sua utilização no campo pedagógico

mas é preciso ter um pouco de conhecimento e criatividade por parte do professor para uma melhor aplicação deste instrumento educativo na sala de aula, sem falar que a seleção do material é de inteira responsabilidade sua. O docente deve ter um planejamento, conhecimento e desenvolvimento de seu trabalho nas atividades que utilizarem as histórias em quadrinhos, independente da disciplina ministrada e, buscar estabelecer objetivos que sejam adequados às necessidades e as características do corpo discente da sala de aula, visto que isto é fundamental para a capacidade de compreensão dos alunos e de conhecimento do conteúdo aplicado [...] (ARAÚJO; COSTA; COSTA, 2008, p. 33).

Importante lembrar que nos anos de 1930, houve um incremento significativo na produção dos quadrinhos, surgiram neste período as histórias do personagem *Dick Tracy*.

Nos Estados Unidos acentuou-se uma crise moral marcada pelo aparecimento do crime organizado propiciado pela Lei Seca e pela crise econômica de 1929. A velha ideia de ser honesto e trabalhador já não valiam mais e a sociedade já não via futuro na antiga moral. O crime compensava, mas não para o personagem de quadrinhos *Dick Tracy* [...] (SIMÕES, 2005, p. 39).

Diante do exposto as HQs além de terem um grande valor histórico-político, contribuem significativamente para o processo de ensino aprendizagem, por caracterizarem-se como uma manifestação criativa e cultural (CIRNE, 1990).

De acordo com Eisner (1995) a história em quadrinhos pode desenvolver habilidades que podem ser aprendidas, baseando-se no emprego imaginativo do conhecimento da ciência e da linguagem, assim como a habilidade de retratar ou caricaturar e de manejar as ferramentas do desenho.

Vesentini (1986) chama a atenção que os melhores pedagogos são os que estão conscientes de que a imaginação é um imprescindível suporte para o raciocínio científico. As histórias em quadrinhos são indispensáveis para o exercício da criatividade no ambiente escolar.

Torna-se necessário o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, uma vez que a grande maioria dos professores usam, demasiadamente, somente o livro didático. Esse recurso pode ser insuficiente para uma melhor compreensão da complexidade do mundo, especialmente, no que diz respeito à configuração da sociedade atual.

2.4 REVISÃO DE LITERATURA

Existe uma variedade de práticas pedagógicas com enfoque nas histórias em quadrinhos para tornar o aprendizado mais significativo, de modo a permitir que o discente se torne mais preparado para se inserir nos mais diversos contextos socioculturais, reforçando seu papel como cidadão. Entre os quais citamos a análise de histórias em quadrinhos, identificação de discursos em HQs, oficinas de elaboração e emprego das HQs para introdução de conteúdos curriculares.

O estudo de Luciana Silvério (2012) destaca as contribuições das histórias em quadrinhos na formação do leitor, como material literário no contexto escolar. O estudo está voltado para alguns aspectos que contribuem para a formação do leitor, quais sejam: a importância da leitura, o uso das histórias em quadrinhos como gênero literário e material pedagógico, literatura e trajetória profissional de Maurício de Sousa. Foi aplicado um questionário com os professores para configurar os seguintes objetos: delinear aspectos literários e pedagógicos presentes nas histórias em quadrinhos; descrever sobre o autor Maurício de Sousa e o contexto educacional atribuídos a elas. A pesquisa revelou que existe a presença de aspectos literários nas histórias em quadrinhos, os quais podem ser utilizados pelos professores na formação do leitor e que eles a apreciam como motivação para ler.

O trabalho de Erivelton Nonato de Santana (2005) apresenta considerações sobre a linguagem nos contextos entre sujeito/discurso/ideologia, nos quais se encontram inseridos. Procurando identificar discursos presentes nas histórias em quadrinhos da turma da Mônica, analisa os conteúdos ideológicos que estão presentes nelas e como se manifestam. Para realizar o estudo, tomou como base de conhecimentos a análise do discurso de linha francesa e a teoria da enunciação, fez um levantamento sistemático das concepções sobre ideologia e um panorama acerca da arte sequencial. Buscou evidenciar que os discursos presentes nas histórias em quadrinhos transmitem ideologias baseadas em conceitos, estereótipos e visões de

mundo e das práticas desenvolvidas no processo de interação social. Constatou que os quadrinhos não apresentam uma linguagem neutra e não estão isentos da influência pelo fenômeno social chamado Ideologia.

A pesquisa de Mariana Ferreira Lopes (2012) destaca que a presença das mídias na sociedade vem levantando debates e questionamentos sobre sua relação com as crianças. A mídia educação é um campo que emerge entre as áreas da Comunicação e Educação com o objetivo de contribuir para o consumo reflexivo e para a produção de uma resposta social aos meios de comunicação em diferentes espaços educativos, os formais e os não-formais. O estudo tem objetivo de realizar oficinas de mídia educação em histórias em quadrinhos para analisar como elas podem auxiliar na formação crítica e criativa dos participantes.

A dissertação de Selma de Fátima Bonifácio (2005) identifica e problematiza o conhecimento histórico nas histórias em quadrinhos, que se constitui a partir de diversos focos e circula socialmente. Analisa as alterações ocorridas, ao passar da linguagem textual-acadêmica à linguagem específica dos quadrinhos, as quais se encontram incorporadas na sociedade contemporânea.

A pesquisa de Marco Túlio Rodrigues Vilela (2012) sugere estabelecer um apoio teórico e metodológico para utilizar as histórias em quadrinhos no ensino de História, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Esta pesquisa fornece sugestões de como as histórias em quadrinhos podem ser usadas como material de apoio para promover reflexões em sala de aula sobre a gênese dos anacronismos encontrados nas representações de culturas do passado. Pretende identificar, ainda, os avanços e as principais dificuldades e obstáculos que ainda impedem seu uso mais frequente e no ensino de História.

Sendo assim, o uso das histórias em quadrinhos é uma prática que abrange distintas áreas da educação e tem contribuído como uma ferramenta que impulsiona a leitura de imagens e do código da escrita, dentro ou fora da sala de aula, fazendo com que o aluno se interesse pela leitura e por diferentes contextos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico utilizado para atingir os objetivos propostos para essa pesquisa propôs o método da pesquisa-ação, no qual a pesquisadora atuará como articuladora no desenvolvimento da pesquisa, estabelecendo conexão entre os participantes no contexto social.

Sobre a pesquisa-ação, Thiollent pondera que:

Nota-se que a pesquisa-ação pode ser concebida como método, isto quer dizer um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos. Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações; do lado dos atores, a questão remete à disposição a agir, a aprender, a transformar, a melhorar, etc (THIOLLENT, 2011, p. 8).

A pesquisa-ação pode ser configurada dependendo de seus objetivos. Três exemplos poderão facilitar esse entendimento: no primeiro caso o pesquisador tem total controle de sua pesquisa e transmite os comandos; no segundo caso, o pesquisador realiza sua pesquisa em um campo delimitado (escola, empresas etc), ou seja, em um espaço onde existe um líder e outros membros, sendo assim, as relações podem gerar atritos, porque podem haver discordância entre os membros. No terceiro caso, a pesquisa poderá ser realizada em um campo aberto (cidade, comunidade, área rural etc) nesse caso, o pesquisador terá maior autonomia e diversos interesses implicados por ser um campo maior. A pesquisa poderá sofrer adequações, conforme o interesse dos membros, e o pesquisador poderá fazer ajustes ao longo do percurso (THIOLLENT, 2011).

Os três casos descritos podem ser, algumas vezes, apresentados de forma composta, lembrando que seja qual for o papel do pesquisador, a escuta é o meio de esclarecimento de várias situações.

Segundo Thiollent:

Seja como for, podemos considerar que, no desenvolvimento da pesquisa-ação, os pesquisadores recorrem a métodos e técnicas de grupos para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação e também técnicas de registro, de processamento e de exposição de resultados (THIOLLENT, 2011, p. 33).

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa, com interpretações dos fenômenos que envolvem as interações entre alunos e as histórias em quadrinhos em sala de

aula, pois objetiva averiguar como os discentes do 4ºano interagem com a leitura de histórias em quadrinhos, verificando sua contribuição para seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo, possibilitando-lhes uma visão criativa do mundo.

3.1 LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA

A instituição escolar em que aconteceu a pesquisa está localizada na região sul do Estado do Espírito Santo, Brasil. Trata-se de uma escola municipal do campo, que atende a um público desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Essa escola atende aproximadamente 800 alunos, no ano de 2019. Busca o pleno desenvolvimento do discente, preparando-o para interagir socialmente em variados contextos, razão pela qual o discente é elemento principal em seu processo de ensino e aprendizagem. Em todos os níveis e modalidades de ensino, esta instituição busca desenvolver propostas diferenciadas e diversificadas, com a finalidade de atender a todos.

A escola atende também, a alunos de educação especial inseridos nas salas de ensino regular. Eles realizam seus trabalhos em parceria com outros alunos. A equipe pedagógica desenvolve atividades diversificadas e diferenciadas, com a finalidade de todos serem atendidos. Nesta escola, também são desenvolvidos vários projetos que atendem a estudantes e comunidade, em parceria com as secretarias de Meio Ambiente, Saúde, Ação Social e Educação, entre os quais citamos: “Drogas”, “Saúde Bucal”, “Família na escola”, entre outros.

De acordo com o PPP, a escola busca providenciar recursos para a recuperação dos alunos com menor desempenho, por meio de estudos de recuperação, por meio de um método educativo de avaliação contínua, que se propõe a ajudar o aluno na superação de sua dificuldade.

Ainda de acordo com o PPP do ano de 2019, destacam-se os seguintes objetivos para o Ensino Fundamental I:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civil e social, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva, nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como mediador conflitos e para tomar decisões coletivas;
- Perceber-se integrante e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para sua melhoria;
- Utilizar as diferentes linguagens (verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal), como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

O público-alvo desta pesquisa é formado por 20 crianças e adolescentes da turma do 4º ano do Ensino Fundamental, com idade entre 10 a 12 anos, todos matriculados nesta instituição de ensino da rede pública de um município localizado no sul do estado do Espírito Santo, uma escola do campo. A realização desta pesquisa foi devidamente autorizada, conforme Anexos A e B, seguindo todo o protocolo ético em seu desenvolvimento.

3.2 COLETA DE DADOS

Desenvolvemos uma sequência de atividades, durante as quais o discente utilizou sua habilidade de interpretar, fazer inferências, prever, classificar, decidir entre outras ações cognitivas necessárias para executar o ato da leitura.

As etapas da pesquisa foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2020, no turno vespertino no horário de 12h10min e 16h40min. Em um período de 07 dias, conforme cronograma didático a seguir:

- Primeiro dia - Apresentação pela mestrandia à instituição de ensino e ao professor regente da proposta de pesquisa e primeiros contatos com o público alvo, 4º ano B e com a equipe técnica e pedagógica da escola.
- Segundo dia - Leitura de histórias em quadrinhos e aplicação de entrevista estruturada de forma coletiva por meio da técnica da conversação.

- Terceiro dia – Leitura e interpretação de revistas em quadrinhos com apresentação da caixa com diversas tirinhas e quadrinhos.
- Quarto dia – Apresentação e discussão do filme *Spirit Cavalgando Livre* para que no dia seguinte fosse produzida uma releitura em forma de HQ da obra cinematográfica mencionada.
- Quinto, Sexto e Sétimo dia - Produção de uma revista e uma tirinha de histórias em quadrinhos, será uma produção coletiva.

Esta sequência de atividades teve a duração de aproximadamente sete dias, a avaliação foi realizada por meio da observação, execução da atividade proposta, roda de conversa com os educandos sobre a importância da leitura de histórias em quadrinhos além da releitura do filme supracitado. Os dados foram analisados a partir de gráficos e por meio da utilização do referencial teórico, para discussão e compreensão do fenômeno.

4 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa apresenta três momentos fundamentais em seu desenvolvimento, que são: atividade de leitura e entrevista estruturada, produções de revista e tirinhas em quadrinhos e o resultado obtido através dessas experiências com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I.

A apresentação da pesquisadora ocorreu de forma descontraída, quando o professor regente realizou a aproximação da pesquisadora com a turma, deixando os alunos e a pesquisadora em uma situação confortável para a realização das atividades propostas. Por meio de conversa informal com a turma, investigando o nível de conhecimento dos alunos acerca de histórias em quadrinhos, foi apresentada aos alunos uma caixa contendo inúmeros textos de histórias em quadrinhos e várias revistas, foi proposto, desta forma, um momento de leitura. Essa atividade buscou identificar, junto aos alunos, os tipos de histórias em quadrinhos que eles conhecem e por quais se interessavam e propôs que cada aluno escolhesse uma revista para ler. Em seguida, promovemos uma roda de conversa na qual cada aluno pode relatar suas percepções sobre a revista lida e apresentar um breve resumo oral da história.

Segundo Vergueiro (2018, p.169):

“Pensar na utilização de quadrinhos infantis na sala de aula pode levar à impressão de que eles têm sua aplicação restrita às séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso não é necessariamente verdadeiro. Na realidade, a grande maioria dos quadrinhos infantis trafega no ambiente do humor e da aventura, podendo ser utilizados em ambiente didático dirigido a qualquer faixa etária”(...) (VERGUEIRO, 2018, p. 169).

Dessa forma, favorecer a leitura de quadrinhos em sala de aula contribui para formar um leitor com um nível de letramento que possibilita uma visão que vai além das imagens e das palavras. A realização da primeira atividade proposta permitiu que os alunos mostrassem sua curiosidade, alguns tiveram a oportunidade de ler uma revista em quadrinhos pela primeira vez. O contato com a caixa de leitura foi um momento de prazer e descobertas, quando eles puderam escolher os textos para a leitura e ao mesmo tempo explorar os diversos contextos das narrações. Com isso, vivenciaram um contato diferenciado com o mundo dos quadrinhos.

De acordo com Lemke (2010, p. 5):

“Um letramento é sempre um letramento em algum gênero e deve ser definido com respeito aos sistemas de signos empregados, às tecnologias materiais envolvidas e aos contextos sociais de produção, circulação e uso de um gênero particular”(…) (LEMKE, 2010, p. 5).

Com isso, é possível que os alunos aprimorem seu nível de letramento a partir de histórias em quadrinhos, fazendo da aula um momento diferenciado com diversas leituras em quadrinhos ampliando o gosto pela leitura. Este momento permitiu inúmeras reflexões, bem como a intertextualidade entre textos e contextos. A caixa de histórias em quadrinhos (Figura 3) foi um recurso que despertou o interesse pela leitura e, a partir dessa experiência, os alunos passaram a observar atentamente os elementos textuais que compõem a narrativa para, assim, entender o contexto.

Figura 3 – Caixa de histórias em quadrinhos para as atividades



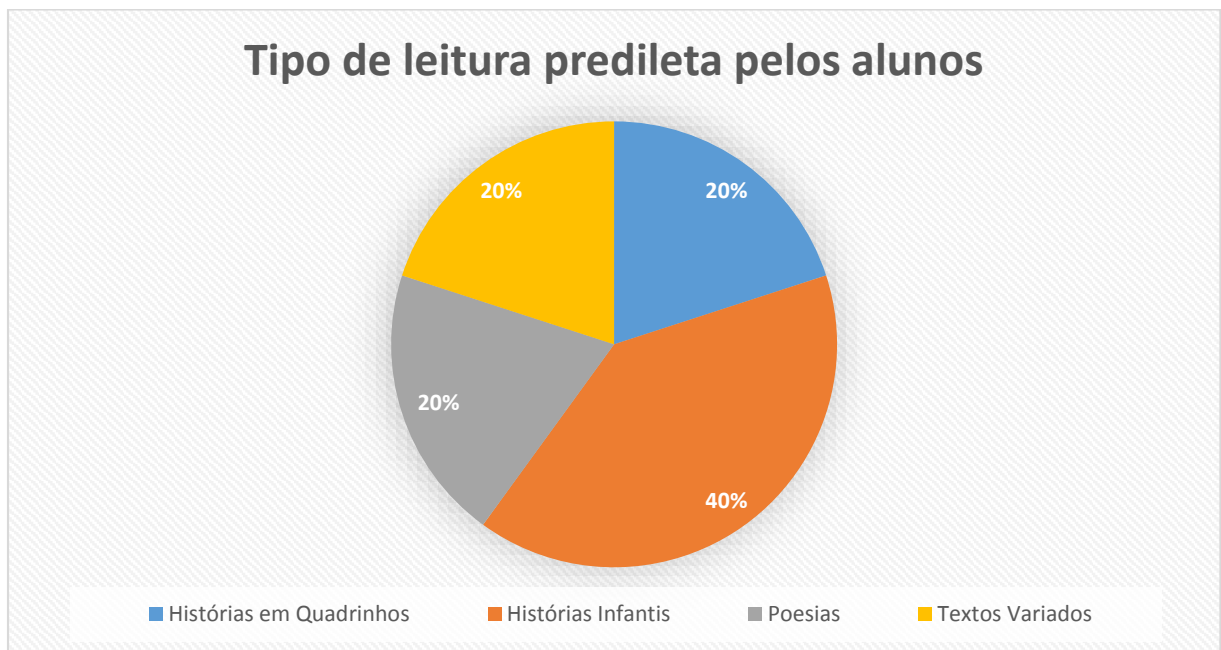
Fonte: Elaborada pela autora (2020)

O contato com a caixa de histórias em quadrinhos gerou muitas interrogações e curiosidades por parte dos alunos em torno da sua confecção. Eles perguntaram para a pesquisadora onde foram encontradas todas aquelas tirinhas que revestiam a caixa e todas as demais que estavam no acervo. A pesquisadora, então, explicou que as tirinhas que revestiam a caixa foram impressas em sua casa e as que estavam no acervo algumas havia comprado em bancas de jornais, outras impressas de alguns sites e as demais eram emprestadas.

Para verificar a importância da leitura e interpretação das histórias em quadrinhos para o letramento, foi proposto a realização de uma entrevista estruturada que se encontra no Apêndice A deste trabalho. A turma que participou da pesquisa é composta por 20 alunos e a entrevista foi executada de forma a cada aluno poder responder individualmente às questões, sendo orientados pela pesquisadora. Segundo Gil (1999), o uso da entrevista estruturada se dá em razão da facilidade em obter respostas de um grupo de pessoas a partir de questionamentos em comum, conforme Gil (1999, p. 121) explica que “a entrevista [...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”.

Inicialmente, a turma foi questionada se gostava de ler, desta forma 100% do total de 20 alunos afirmaram o seu gosto pela leitura e que leem algum material gráfico, no mínimo, uma vez por semana em suas residências. Posteriormente a pesquisadora se preocupou em identificar os interesses dos alunos no que se refere à leitura (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Tipo de leitura predileta pelos alunos pesquisados



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Evidencia-se, portanto, que a maioria das crianças demonstram uma predileção pelas histórias infantis, tendo em vista que, segundo levantamento elaborado a partir de conversas informais com a professora regente, este era o material mais ofertado

às crianças nos momentos de leitura em sala de aula, bem como a contação de histórias. Outro fato curioso foi o relato de alguns alunos que apontaram as histórias em quadrinhos como sua forma predileta de leitura, tendo em vista que as imagens dos quadros lhes possibilitavam um melhor entendimento da história, transportando-os para o mundo imaginário do enredo.

Neste sentido, Penteado (2007, p. 7) afirma que:

A criança, ao apreender a visualidade das histórias em quadrinhos, não está apenas realizando uma soma de imagens. Nos quadrinhos existe uma sucessão em que o sentido de uma imagem só se estabelece por meio de quem a precede. A ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras, e essa disposição temporal e espacial das imagens é que organiza seu significado (PENTEADO, 2007, p. 7).

A citação dialoga com a percepção dos alunos que afirmaram preferir as histórias em quadrinhos como fonte de leitura. Entendendo que os alunos já possuem o gosto pela leitura, dessa forma, questionamos a turma de 20 alunos se eles possuíam o hábito de frequentar a biblioteca escolar e quais os gêneros mais acessados por eles (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Frequência à biblioteca e gêneros literários acessados pelos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Neste sentido, o Gráfico 2 evidenciou o gosto por aventuras, histórias infantis e contos, narrativas inerentes às histórias em quadrinhos, propiciando a inserção deste

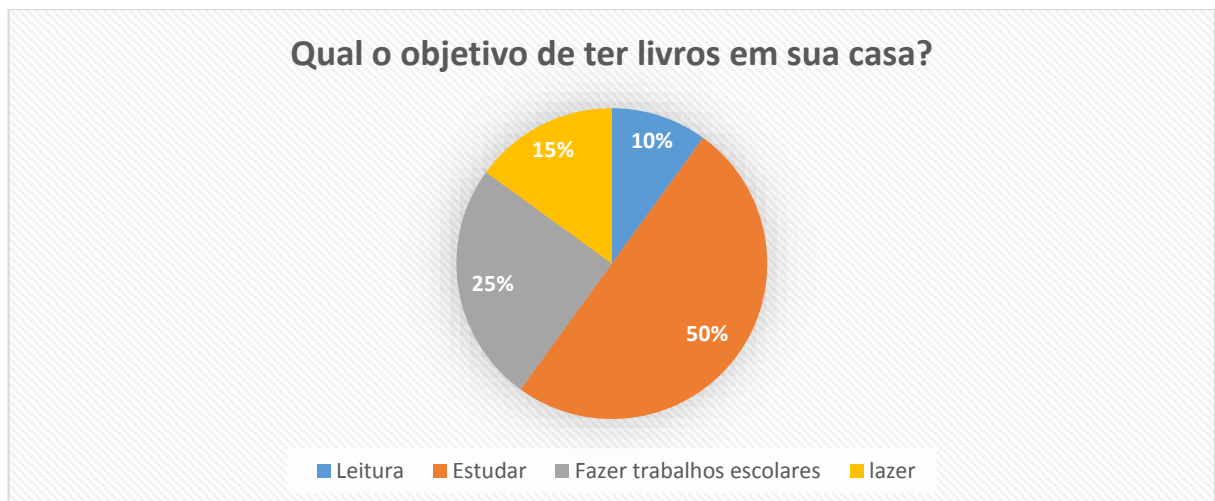
tipo de literatura no cotidiano escolar dos alunos, por perceberem as facilidades de interpretação e assimilação a que este tipo de literatura favorece, principalmente ao considerarmos o que defende Penteado (2007, p. 8), para quem

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das ideias dos autores e a buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É muito importante que o leitor se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens presentes na comunidade em que vive, buscando sempre a cidadania plena (PENTEADO, 2007, p. 8).

As histórias em quadrinhos possuem características peculiares que promovem o encantamento e conseqüentemente, facilitam o aprendizado, sobretudo no que se refere à leitura e à interpretação, bem como potencializam a produção de textos.

O hábito da leitura é amplamente divulgado no ambiente escolar, no entanto, é preciso uma melhor investigação sobre a postura dos alunos frente à leitura no ambiente familiar. Neste sentido, a pesquisadora se preocupou em buscar informações sobre o hábito de leitura de livros em suas residências.

Gráfico 3 – Razões pelas quais os entrevistados utilizam livros em suas residências



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como percebido, a grande maioria dos alunos utilizam os livros, em sua residência, apenas para realização de tarefas escolares, no entanto 15% deles, percebem nos livros uma fonte de lazer. A leitura é incentivada não apenas em ambiente escolar como também em suas residências. A formação de leitores deve ser algo amplamente trabalhado não apenas nas escolas como também pela família, pois

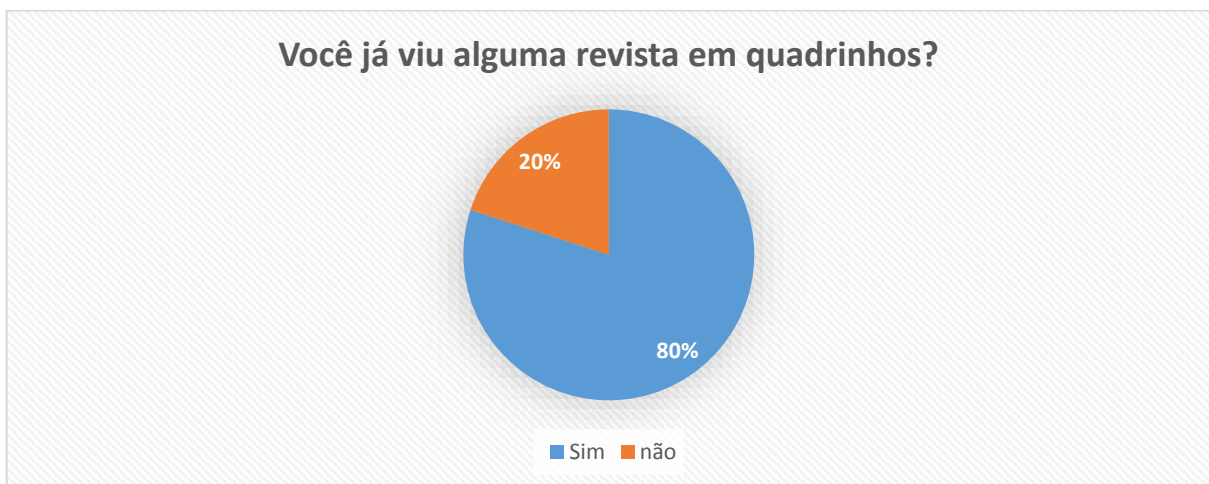
desta forma estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais rica culturalmente, com cidadãos capazes de interpretar o mundo a sua volta e transformar as realidades (FREIRE, 2001).

Importante nos atentarmos que a pesquisa foi realizada em uma turma de 4º ano, ou seja, crianças com faixa etária entre 9 e 12 anos, em plena formação psíquica, emocional e cognitiva, em pleno desenvolvimento das habilidades, segundo o estágio operatório concreto, defendido por Piaget (1999). Neste sentido, Rappaport (1981, p.72) comenta que

A criança terá um conhecimento real, correto e adequado de objetos e situações da realidade externa (esquemas conceituais), e poderá trabalhar com eles de modo lógico. Assim, a tendência lúdica do pensamento, típica da idade anterior, quando o real e o fantástico se misturam nas explicações fornecidas pela criança, será substituída por uma atitude crítica (RAPPAPORT, 1981, p. 72).

A citação evidencia a importância da leitura e da interpretação de textos de revistas em quadrinhos para a formação da criança. Ao perceber tal importância no processo de formação dos alunos, a pesquisadora se propôs a investigar, ainda, se os alunos têm ou já tiveram contato com este tipo de literatura (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Quantitativo de alunos que conhecem revistas em quadrinhos



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

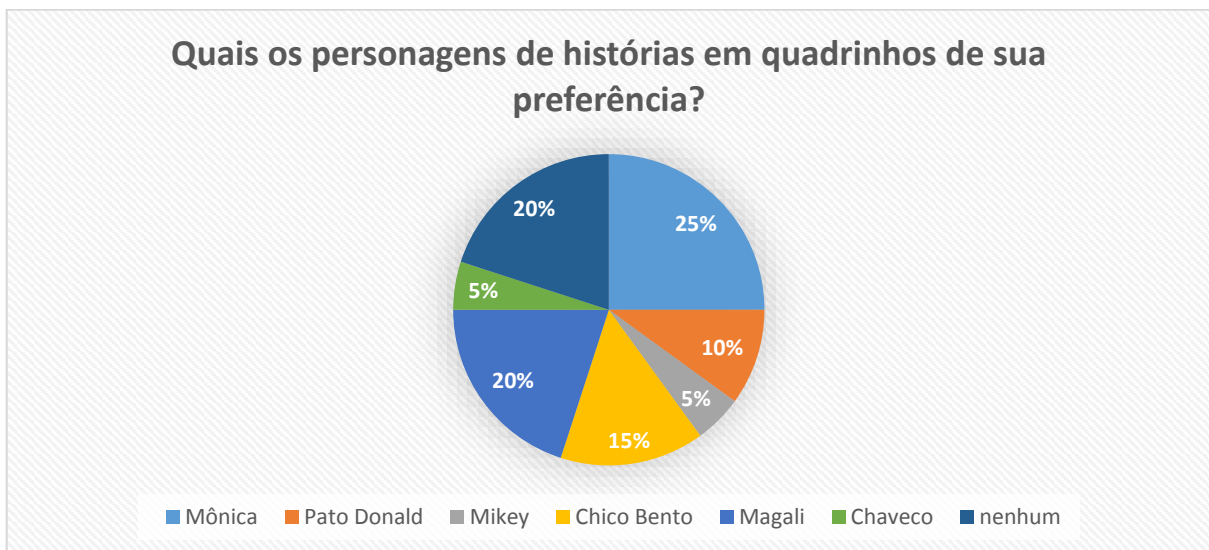
Embora grande parte dos alunos afirmam ter tido contato com revistas em quadrinhos, 4 alunos alegam que, até então, nunca tiveram contato com este tipo de literatura. Este fato nos mostra a importância de trabalhar melhor a temática, tendo em vista a relevância das histórias em quadrinhos na formação do processo cognitivo

dos alunos, sobretudo na interpretação de textos e compreensão da realidade a sua volta. Penteado (2007, p. 9), ao abordar a questão da formação do leitor, nos alerta que:

Formar um leitor competente, desta forma, significa que ele se torne capaz de compreender o que lê, de admitir que a um mesmo texto podem ser atribuídos vários sentidos, de perceber inclusive o que não está escrito e, além disso, de estabelecer relações com suas leituras anteriores (PENTEADO, 2007, p. 9).

Embora nem todo o material gráfico no formato de quadrinhos seja apropriado para crianças, ou lhes propiciem uma formação saudável, é importante investigar quais os tipos de histórias em quadrinhos que as crianças conhecem e por quais possuem predileção. Em face desse ponto, foi-lhes perguntado quais os personagens mais conhecidos por eles, pois, ao questionar sobre os personagens, é possível, de forma discreta, presumir os títulos, autores e mensagens passados às crianças (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Personagens de histórias em quadrinhos preferidos pelos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Percebemos que a maioria absoluta opta por personagens populares que habitam o seu imaginário. Constatamos, ainda, que um grupo de 4 alunos afirmam não possuir predileção por nenhum personagem devido ao fato de não terem contato com revistas em quadrinhos, razão pela qual desconhecem os personagens.

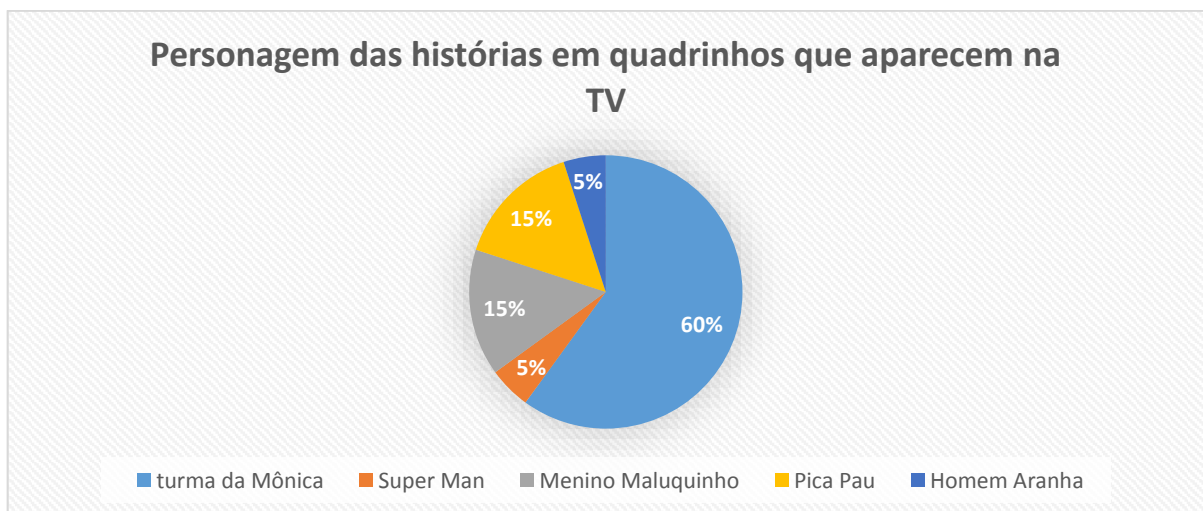
Outro fator que acreditamos contribuir de forma bastante eficiente para a predileção dos personagens elencados pelos alunos é a popularidade dos mesmos através de mídias como TV e cinema. Neste sentido, devemos considerar Lopes (2012, p. 47), para quem

Os meios de comunicação têm se tornado uma escola paralela às instituições que tradicionalmente eram encarregadas da educação dos indivíduos, a escola e a família. No âmbito da educação informal, a mídia se mostra como importante instrumento por meio do qual a sociedade vem se relacionando e compreendendo o mundo que a cerca (LOPES, 2012, p. 47).

Destacamos, portanto, a influência dos meios de comunicação no desenvolvimento do imaginário das crianças, contribuindo fortemente para delinear o seu caráter e, de certa forma, guiar os seus passos, referente a futuras escolhas.

Nesta lógica, os programas televisivos têm se destacado na predileção das crianças, que optam por lançar mão de personagens de histórias em quadrinhos para transmitir suas mensagens incentivadas pelos pais. Posto isso, buscamos verificar, junto a turma de 20 alunos, se eles conseguem identificar personagens de histórias em quadrinhos apresentados pelas mídias digitais (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Percepção de personagens em quadrinhos que aparecem na mídia



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Esta informação nos mostra que a popularidade de histórias nacionais, como *Turma da Mônica*, criado por Mauricio de Sousa, amplamente utilizadas nas escolas como ferramenta pedagógica, bem como por propagandas governamentais, vem ganhando crescente notoriedade entre as crianças, por seu caráter lúdico e criativo,

peculiar aos interesses das crianças nesta faixa etária. Ao considerar Vergueiro (2018, p. 180):

“Nos quadrinhos infantis, especialmente, pode-se dizer que essa busca possui um atrativo a mais, pois se trata de identificar exemplares da linguagem gráfica sequencial que, ao mesmo tempo em que encantam os estudantes, também desafiam sua criatividade e curiosidade intelectual. Nesse sentido, existe um grande universo – e, em sua maioria, ainda totalmente virgem – a ser explorado. Quem se habilita?” (VERGUEIRO, 2018, p. 180).

Percebemos o grande interesse dos alunos pelo tema apresentado, o qual pode influenciar diretamente seu processo de aprendizagem. Constatamos também um crescente nível de desinibição e participação de todos os alunos, inclusive os alunos mais tímidos e com dificuldades de aprendizado, tendo em vista suas contribuições no transcurso da sequência de atividades.

4.1 CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS: RELEITURA DO FILME INFANTIL “*SPIRIT CAVALGANDO LIVRE*”

A proposta a seguir trata-se de uma releitura em forma de oficina, seguindo um passo a passo de construção de histórias em quadrinhos (Apêndice B) para que os alunos pudessem vivenciar não somente a leitura, mas também a construção do texto, permitindo a eles terem uma experiência de leitura e releitura, de texto e contexto. Isso, porque segundo Eisner (2001), os quadrinhos proporcionam o aprimoramento do conhecimento.

No decorrer da pesquisa, foi apresentado o filme “*Spirit Cavalgando Livre*”, ao qual os alunos assistiram com enorme entusiasmo. Por ser um filme que é transmitido por um canal de assinatura, apenas alguns conheciam. Antes, foi apresentado o enredo do filme e os que não o conheciam se mostraram bastante interessados, pois por se tratar de um filme cujo enredo gira em torno de um trio de amigas com seus cavalos, os alunos se identificaram com a história, pois todos moram em uma comunidade rural onde a maioria adora cavalgar e, quando tem cavalgadas, eles ficam eufóricos esperando o evento.

Segundo Ramos e Vergueiro (2018, p. 134):

“É essencial para a adaptação a sua relação estreita com outra obra. Portanto, ao lidar detidamente com adaptação em sala de aula, um dos tópicos obrigatórios é verificar de que modo funciona essa relação entre obra

original e obra adaptada. Para desenvolver bem esse tópico, é necessária uma boa leitura das duas obras. Fica evidente, assim, quão essencial é o estudo da obra original para essa proposta” (RAMOS; VERGUEIRO, 2018, p. 134).

Por isso foi proposto aos alunos uma releitura do filme em forma de histórias em quadrinhos, os quais aceitaram a proposta e se mostraram bem interessados. A pesquisadora explicou o passo a passo de como seria feita essa revista e as tirinhas em quadrinhos (Apêndice C). Inicialmente, eles fizeram a escolha das imagens que compõem a revista, logo após escreveram os diálogos e, por fim, montaram tudo nas folhas da revista. Foi uma experiência que proporcionou a realização e a adaptação dos gêneros.

Os alunos deram início à produção da revista, de forma coletiva, definiram as imagens que a comporiam, na sala de informática, com nosso auxílio eles selecionaram várias imagens do filme na internet, os desenhos foram impressos e levados para a sala de aula. Em seguida, eles fizeram a escolha dos mesmos e produziram as falas de cada personagem, para que a história fosse montada.

Segundo Ramos e Vergueiro (2018, p. 150):

“Uma proposta que estimula a criatividade dos alunos é entregar-lhes algumas das páginas da história em quadrinhos com os balões de texto em branco para que completem o diálogo como bem entenderem. Isso feito, inicia-se uma discussão a partir de uma apresentação espontânea dos alunos, procurando entender quais as razões que motivaram a criação do texto desenvolvido”(…) (RAMOS; VERGUEIRO, 2018, p. 150).

A proposta da atividade anterior vai ao encontro da percepção do autor supracitado, porque é importante estimular a participação do aluno para que ele se sinta motivado para novas práticas e construções. Seguindo essa lógica, a produção de dados desta pesquisa foi favorecida por uma sequência de atividades e ações em torno do tema HQs. As atividades foram pautadas na releitura do filme “*Spirit Cavalgando Livre*”, o qual se tornou uma revista em quadrinhos e seis tirinhas, que demandaram a participação de todos os discentes na confecção.

Para Ramos e Vergueiro (2018, p. 150):

“Deve-se ter mente que uma adaptação não deve ser avaliada como boa por estar mais ou menos próxima do original. Esse tipo de abordagem é interessante por colocar os dois textos em evidência e provocar a reflexão sobre a linguagem que os constrói” (RAMOS; VERGUEIRO, 2018, p. 150).

A execução das atividades favoreceu a compreensão do uso das histórias em quadrinhos como incentivo à prática de leitura, interpretação e releitura. A escolha da atividade de releitura de um filme, em forma de quadrinhos, se deu em razão de termos experiências prazerosas na infância com o gênero textual HQs. Considerando, ainda, que aliar filme infantil a quadrinhos é uma forma lúdica, intertextual e criativa, por meio da qual o aluno pode criar e recriar uma história partindo da sua própria perspectiva crítica e reflexiva.

Durante o processo das produções em quadrinhos, todos os alunos se mostraram bastante entusiasmados, cooperando entre si, trabalhando em colaboratividade e respeitando às sugestões dos colegas. Apresentamos a seguir um mosaico com imagens apresentando o processo de produções das tirinhas e da revista (Figura 4).

Figura 4 – Mosaico evidenciando momentos do processo de produção de HQs pelos alunos



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Neste sentido, percebemos os efeitos criativos nos alunos que, de certa forma se encantaram pelo trabalho em questão, dado o seu caráter lúdico e criativo. Por meio da realização das atividades de leitura dos quadrinhos e da entrevista aplicada, constatamos que todos os alunos conhecem diversas tirinhas que são encontradas nos livros didáticos, porém, alguns deles não tinham acesso a nenhuma revista em

quadrinhos impressa nem digital. Diante desses dados, percebemos que é necessário a utilização, com mais frequência, das revistas em quadrinhos ou até mesmo de obras literárias no formato de HQs em sala de aula, pois o aluno precisa ter contato com esse gênero, que possibilita uma leitura diferenciada sobre assuntos diversos. Segundo Ramos (2018, p. 202) “a tira suscita uma rica oportunidade de discussão sobre o tema. O debate a respeito do assunto também integra o processo de formação do sentido, na medida em que acrescenta mais informações aos estudantes”. Sendo assim, fica clara a contribuição do universo das HQs para o exercício da leitura.

A relevância da leitura e interpretação dos textos em formato de histórias em quadrinhos foi destacada durante todo o transcurso do processo em que se realizou o trabalho, trazendo uma reflexão quanto à efetiva contribuição desta ferramenta pedagógica para o processo de formação de leitores.

No entanto, é importante um estudo mais aprofundado que vise a corroborar com as questões levantadas a fim de que se proponha maior utilização deste formato de literatura no processo de ensino.

Importante, ainda, ressaltar que embora as histórias em quadrinhos se mostrem bastante eficientes para desenvolver habilidades leitoras dos alunos, em sala de aula, este não deve ser utilizado como única ferramenta de leitura. É importante que os alunos tenham contato com outros gêneros literários a fim de que seja enriquecido seu universo de leitura, formando leitores capazes de interpretar não apenas os elementos gráficos em um livro, como também o contexto social em que se situa, ampliando sua criticidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de desenvolvimento deste estudo, foi possível destacar as contribuições da HQ como ferramenta pedagógica para o ensino da língua materna, bem como para a construção das competências necessárias para a formação plena dos alunos. Trabalhar a leitura é garantir o aprimoramento do grau de letramento individual de cada leitor e esta pesquisa vai ao encontro dessa necessidade, pois a leitura é essencial, e fundamental, para a formação de cidadãos atuantes em uma sociedade que busca garantir o saber pautado no letramento.

Trabalhar por meio de oficinas de releitura de histórias em quadrinhos gera experiências que favorecem a condução das aulas de leitura por meio de ações coletivas. No entanto, é preciso o educador estar atento a sinais que mostrem descontentamento ou até mesmo reprovação dos processos metodológicos empregados, pois há um risco eminente de gerar o efeito contrário, quando as aulas de leitura não são bem planejadas ou não atendem às expectativas dos alunos, por isso foi ofertado no Apêndice B um guia para professores com instruções de como planejar uma aula de leitura, realizando uma releitura a partir de filmes infantis e da produção de revistas em quadrinhos.

Após o trabalho que buscou verificar a efetividade das histórias em quadrinhos, percebemos que se trata de uma ferramenta significativa para a promoção da leitura e do letramento no ambiente escolar. É uma forma muito especial, no momento em que se pretende estimular nos alunos o gosto pela leitura.

Ao considerarmos as histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica, dado o seu poder de encantamento e acesso ao universo infantil, podemos concluir que o processo de aprendizagem da leitura se torna prazeroso e conseqüentemente mais efetivo, tendo em vista que antes de interpretar os elementos gráficos que formam os textos, os alunos interpretam as paisagens, personagens e todo o contexto exposto nas histórias. Todo esse processo gira em torno de um nível de letramento que é construído gradativamente, a partir das leituras e da vivência de mundo.

Neste sentido, a contribuição das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos vai além, pois permite a criação de universos de possibilidades interpretativas, no momento em que a criança lança mão do que vê e lê para a projeção de continuidades das histórias no

seu campo imaginário. Dessa forma, rompe com a leitura tradicional de decodificação e atinge um nível ascendente de letramento.

Por meio da leitura e interpretação de histórias em quadrinhos, é possível à criança uma reflexão do universo a sua volta e a compreensão de contextos sociais de forma crítica, ao questionar a postura de algum personagem frente a situações semelhantes às vividas no seu cotidiano sobre temas como discriminação, violência, preconceito entre outros.

Este estudo se propôs a trabalhar com uma pequena parcela de alunos, mas é necessário buscar outras formas de avançar nesse campo de questões. Compreendendo a importância das histórias em quadrinhos no processo de formação de leitores, algumas questões foram levantadas sobre os ganhos auferidos a partir de trabalhos desenvolvidos, na parceria entre aluno e professor, referente a esta temática, bem como suas contribuições para o desenvolvimento linguístico de alunos do Ensino Fundamental.

Esta dissertação demonstrou que a produção de histórias em quadrinhos e as práticas pedagógicas empregadas pela pesquisadora podem servir como uma referência para outros educadores. O guia didático para professores (Apêndice D) é uma ferramenta que favorecerá novas práticas em sala de aula, considerando que elas podem simplesmente ser executadas, periodicamente, pretendendo ensinar aos educandos a independência leitora, que eles sejam capazes de alcançar a habilidade escrita com proficiência.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gustavo Cunho; COSTA, Mauricio Alves; COSTA, Evânio Bezerra. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Uberlândia, n. 2, pp. 26-33, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271076589_as_historias_em_quadrinhos_na_educacao_possibilidades_de_um_recurso_didatico-pedagogico_stories_in_comics_in_education_possibilities_of_a_teaching_-_educational_resource.htm>. Acesso em: 09 ago. 2019.
- BONIFÁCIO, Selma de Fátima. **História e(m) quadrinhos**: análises sobre a história ensinada na arte sequencial. 2005. 221 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- BELLEY, Mariana. Primeira História em quadrinhos no brasil completa 145 anos. **Estadão**, 30 jan. 2014. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,primeira-historia-em-quadrinhos-no-brasil-completa-145-anos,1124792>>. Acesso em: 8 ago. 2019.
- BIBE LUYTEN, Sonia M. Por que uma leitura crítica das histórias em quadrinhos? In: BIBE LUYTEN, Sonia M. (Org.). **Histórias em quadrinhos**: leitura crítica. São Paulo: Paulinas, 1984a, pp. 07-09.
- BRAINLY. **Quais são as características das HQs?** Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/4741750>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CAMPOS, M. M. Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo. In: ROSEMBERG, Fúlvia. (Org.). **Creche**. São Paulo: Cortez, 1993.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio (Org.). **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CALAZANS, Flávio. **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2005.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1982.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 20. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2001.

FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **Rev. PEC**, Curitiba, v.3, n.1, pp. 121-131, jul. 2002-jul. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEMKE, Jay. **Letramento metamidiático**: transformando significados e mídias metamedia literacy: transforming meanings and media. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/stories/fruit/pdf/LETRAMENTO_METAMIDITICO_Lemke_Ftima_Tamamnini.pdf>. Acesso em: 1 maio 2020.

LOPES, Mariana Ferreira. **Histórias em quadrinhos e mídiaeducação**: a experiência de oficinas midiáticas sobre HQ com alunos da 4ª série de uma escola de Cambé-PR. 2012. 237 f.: il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestradocomunicacao/wp-content/uploads/Hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-e-midiaeduca%C3%A7%C3%A3o-Mariana-Ferreira-Lopes.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2020.

LORENZI, G. S.C., PÁDUA, T, W. **Multiletramento na escola**. In: ROJO, Roxane., MOURA, Eduardo (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2012.

MARINHO, Fernando. "História em quadrinhos". **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/historia-quadrinhos.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MELLO, Miriam Moreira de. O lúdico e o processo de humanização. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. 2. ed. Ijuí-RS: Unijui, 2003.

- MENDONÇA, Marcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil Colonial. In: LOPEZ, Eliane Marta Teixeira (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- PEREZ, Luana Castro Alves. História da História em Quadrinhos. **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/historia-historia-quadrinhos.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2019.
- PENTEADO, Maria Aparecida. **Desvelando o universo das Histórias em Quadrinhos: uma proposta de ação**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1167-4.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2020.
- POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- QUELLA-GUYOT, D. **A História em Quadrinhos**, São Paulo: Unimarco, 1994.
- RAMOS, E. M. F. **Brinquedos e jogos no ensino de Física**. 1990. Dissertação (Mestrado), Instituto de Física da Universidade de São Paulo: 1990.
- RAMOS, Paulo (Orgs.). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.
- SANTANA, Erivelton Nonato de. **Ideologias modernas históricas dos quadrinhos: aspectos do micro-universo feminino na turma da Mônica**. 2005. 144 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2005.
- SANTOS, C. A. dos. **Jogos e atividades lúdicas na alfabetização**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.
- SEIXAS, Francisco; VIRGÍLIO, Jorge. **As HQs no Brasil**. Disponível em: <<http://temacast.com.br/wp/temacast-81-as-hqs-no-brasil/.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2019.

SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. **Histórias em quadrinhos: gênero literário e material pedagógico - Maurício de Sousa em foco**. 2012. 162 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, 2012.

SIMÕES, Norton. **A linguagem das Histórias em Quadrinhos como técnica científica e arte sequencial na comunicação**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUC/RS, 2005.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010, pp. 54-68.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010, pp. 33-53.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. In: VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VIANA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **Marcas enunciativo-discursivas nas Histórias em Quadrinhos (HQs): uma proposta de análise de texto como discurso**. 2012. 100 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

APÊNDICE A – ENTREVISTA ESTRUTURADA**ENTREVISTA ESTRUTURADA**

1) Qual o seu tipo de leitura favorita?

.....

2) Você vai à biblioteca da escola? Qual o tipo de livro que você mais lê na biblioteca?

.....

3) Você tem livros em sua casa? Você utiliza ele para quê?

.....

4) Você já leu alguma Revista em quadrinhos?

.....

5) Qual personagem de histórias em quadrinhos você prefere?

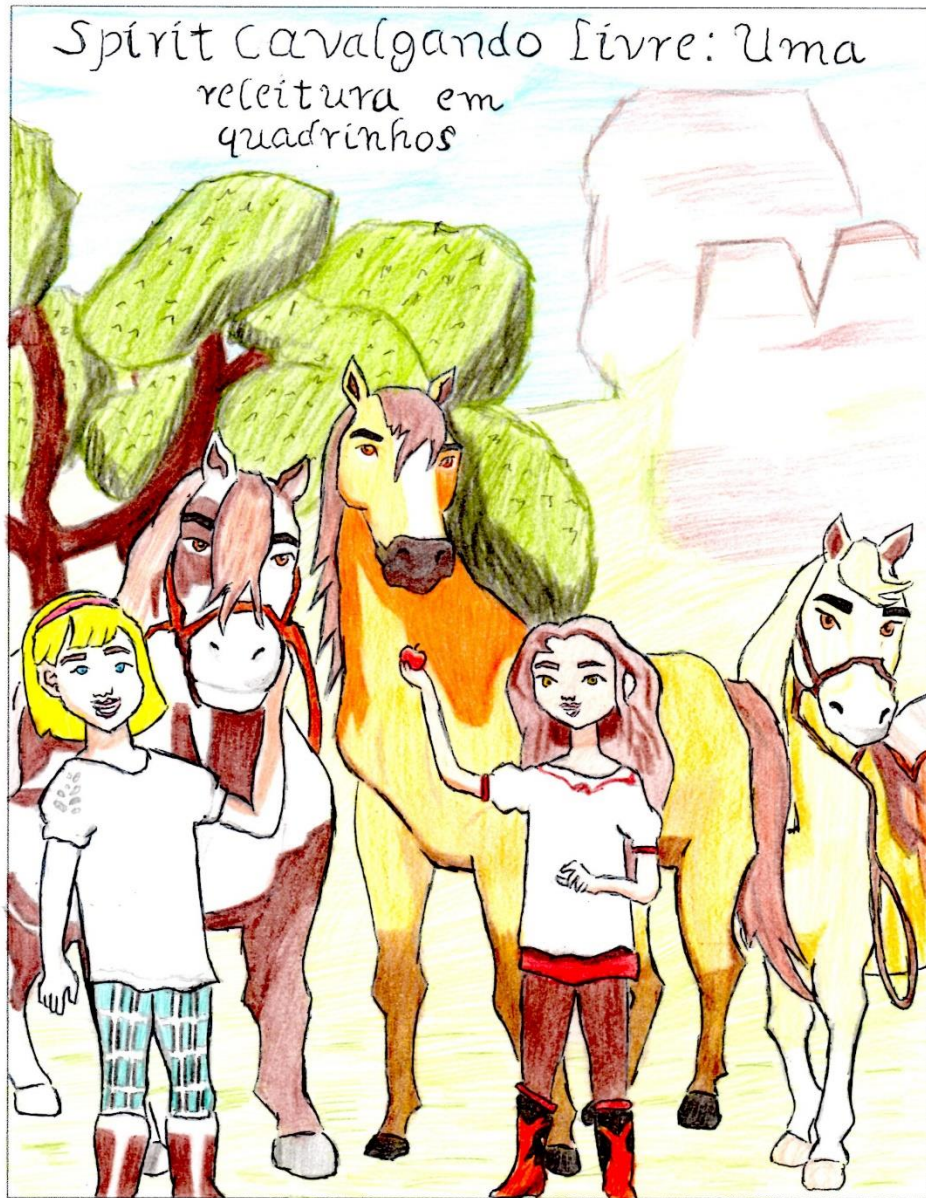
.....

6) Já viu algum personagem de História em Quadrinho na televisão? Qual?

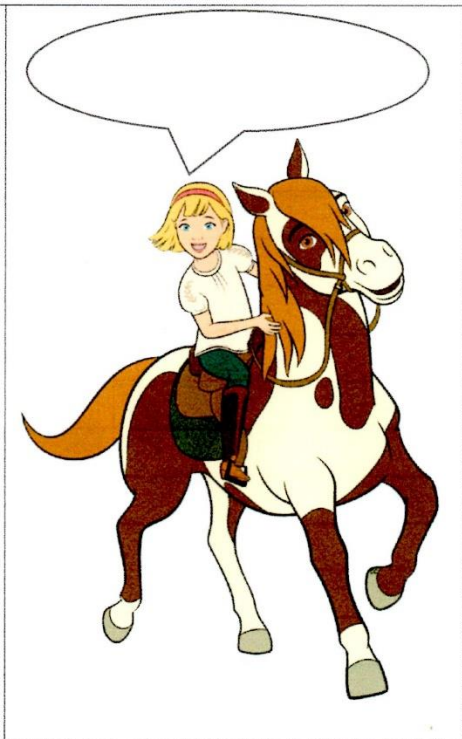
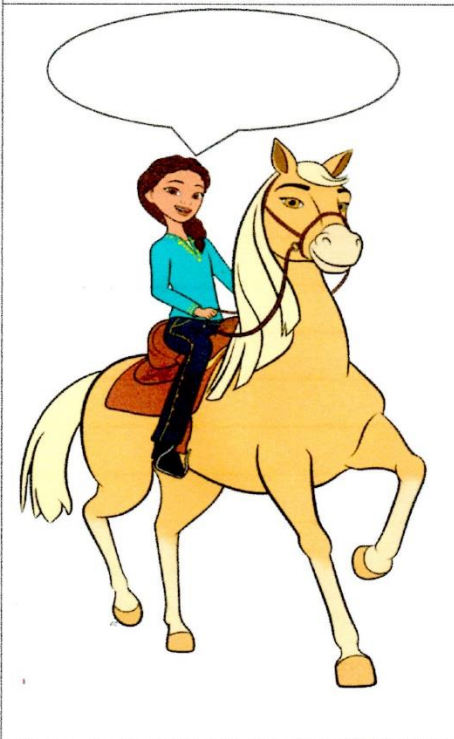
.....

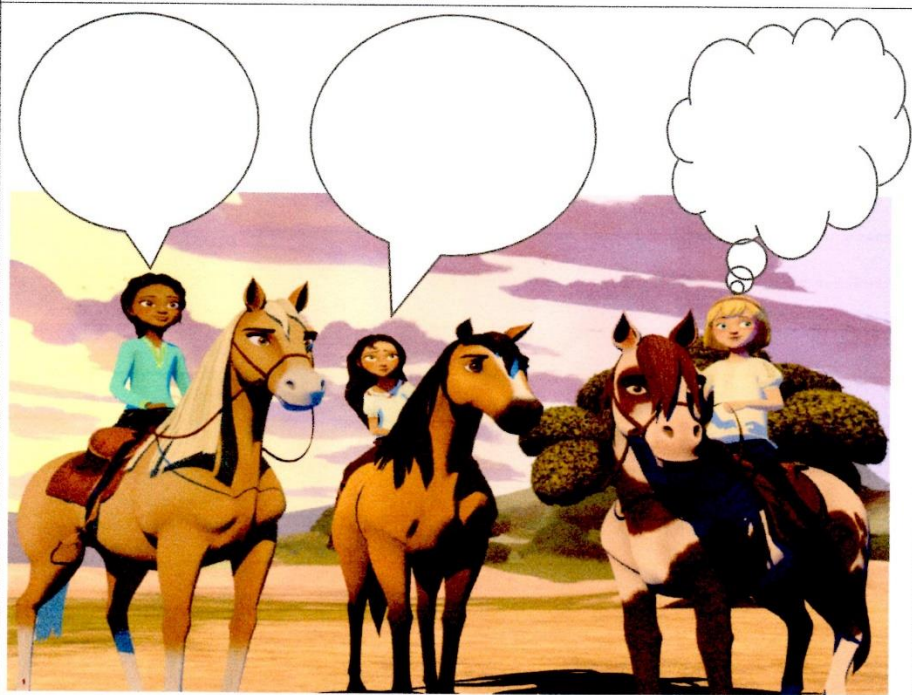
APÊNDICE B – PRODUÇÃO DE REVISTA: HISTÓRIA EM QUADRINHOS

1

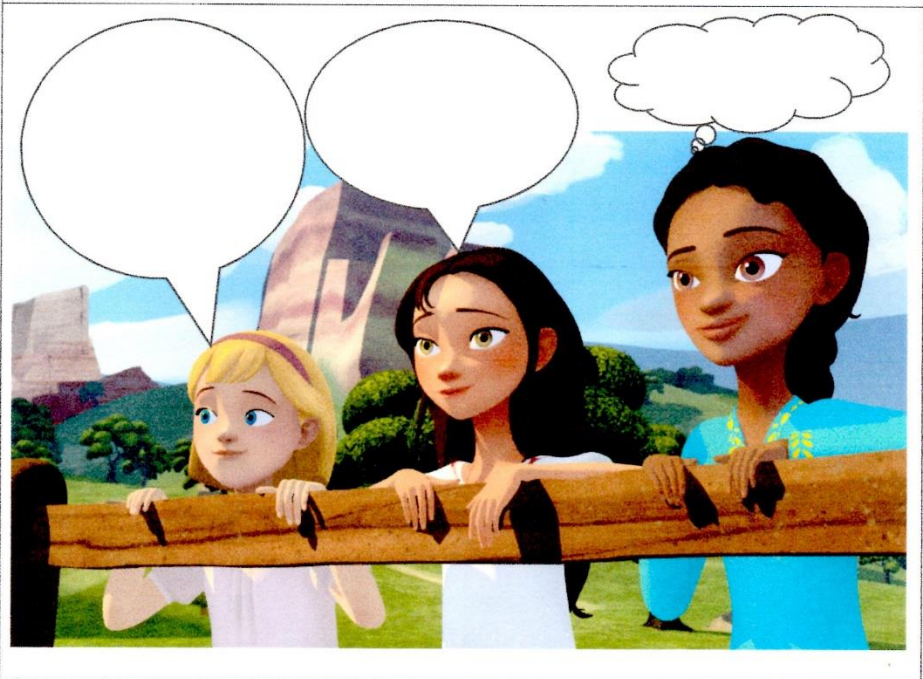


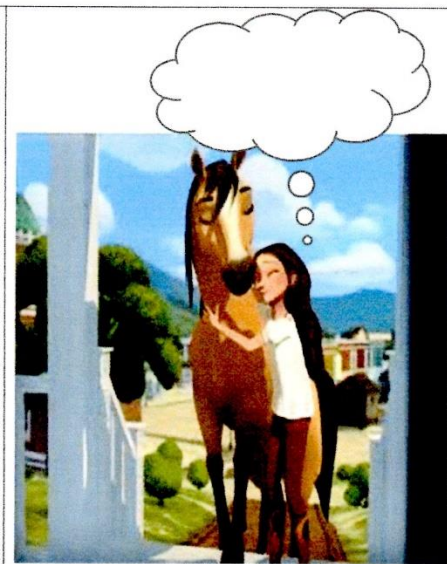


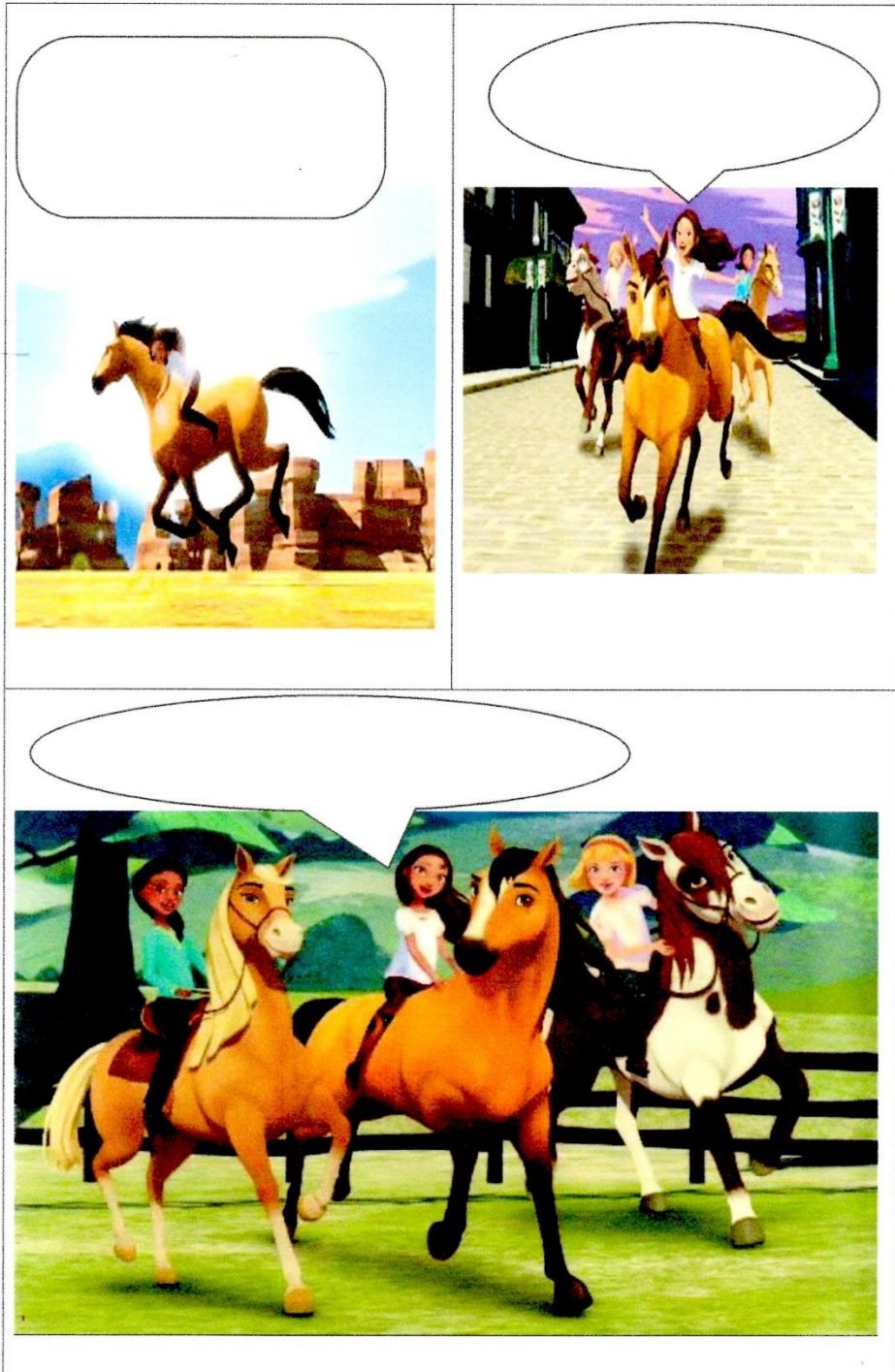












APÊNDICE C – PRODUÇÃO DE TIRINHAS

9

APÊNDICE D – GUIA DIDÁTICO

GUIA DIDÁTICO: PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS



PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

QUANTO MAIOR FOR O GRAU DE LETRAMENTO DOS ALUNOS, MAIS PROVEITOSO SERÁ O TRABALHO COM QUADRINHOS EM SALA DE AULA, POIS PERMITIRÁ AO PROFESSOR QUE APLIQUE ATIVIDADES COM UM GRAU DE DIFICULDADE MAIOR OU QUE EXIJAM UMA LEITURA MAIS APROFUNDADA (VILELA).

MARILENE DA SILVA REIS BARRETO

2020

As histórias em quadrinhos: Segundo Eisner (2001), são definidas como arte sequencial de imagens, desenhos ou figuras impressas, com falas dos personagens inseridas em balões e geralmente são publicadas em gibis, para o autor dois dispositivos sustentam esse gênero: as palavras e as imagens, pois a partir da leitura é possível que se desenvolva uma interação entre texto e leitor.

Segundo Ramos (2009), as HQs possuem as seguintes características:

Apresenta elementos essenciais de narrativa: personagens, lugar, enredo, tempo e desfecho.
Linguagem verbal e não verbal.
Balões variados que mostram tipos e formas de conversas dos personagens e suas expressividades.
Sequência de imagens que montam uma cena.
Formatos variados de quadrinhos e os diferentes estilos de desenhos.
Uso frequente de onomatopeias, entre outras características.

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:

1. Enredo: a trama de forma resumida com início, meio e fim.
2. Esquema: é a organização de todas as cenas a serem criadas de maneira que sustente a HQ, seguindo uma ordem, com uma descrição ligeira.
3. Roteiro: organização das cenas com cenários, diálogos, apresentação de personagens, desenvolvimento do enredo, os dramas e a finalização.
4. Característica gráfica: definição do estilo de desenho a ser empregado, como a tonalidade de cor.

5. Formato: o número de páginas que irão compor a narrativa.
6. Capa da revista: é vista como uma das principais formas de chamar atenção do leitor.
7. Revisão geral de texto e imagens: fundamental para evitar deslizes na composição.
8. Avaliação Gráfica: Momento de conferir se tudo está representado no papel, conforme foi solicitado.

CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM SALA DE AULA A PARTIR DA RELEITURA DE FILMES INFANTINS:

Materiais necessários: folhas A4, lápis de cor de variados tons, caneta hidrocor, régua, tesoura, cola, DVD com o filme escolhido, moldes dos personagens, lousa digital com acesso à internet e impressora.

- 1º Passo:** definir previamente com os alunos o filme que será feito a releitura em forma de quadrinhos.
- 2º Passo:** assistir ao filme.
- 3º Passo:** discutir sobre o filme com os alunos.
- 4º Passo:** montar o roteiro da história a ser produzida.
- 5º Passo:** pesquisar na internet e escolher os desenhos dos personagens do filme para fazer os moldes, ou produzir as imagens a partir dos próprios critérios.
- 6º Passo:** impressão e produção dos moldes dos desenhos escolhidos.
- 7º Passo:** esquematização de todas as cenas que irão compor a revista.
- 8º Passo:** produção da revista com quadrinhos, desenhos, pintura e balões.
- 9º Passo:** avaliação (revisão da composição da revista com os alunos).

SITES COM INSTRUÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE QUADRINHOS:

<https://porvir.org/7-ferramentas-para-criar-historias-em-quadrinhos-os-alunos/>

<https://www.pixton.com/>

<https://www.marvelhq.com/create-your-own-super-hero>

<https://www.vyond.com/>

<http://www.toondoo.com/>

<http://www.stripcreator.com/make.php>

<https://www.baixaki.com.br/download/pencil.htm>

https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/app-do-google-transforma-seus-videos-em-historias-de-quadrinhos-veja-como/73046

Referências

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino In: ____ (Org.), **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DE PRESIDENTE KENNEDY

Antes de iniciar esta pesquisa, a autora precisou solicitar autorização da representante da Secretaria Municipal de Educação, Fátima Agrizzi Cecon, a qual responde pela EMEIEF de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”, de Presidente Kennedy.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY
ESTADO DO ESPIRITO SANTO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Secretaria Municipal de Educação
Presidente Kennedy - ES
Tel.: 28 - 3535 - 1954

Eu, **FÁTIMA AGRIZZI CECCON**, Secretária Municipal de Educação de Presidente Kennedy, autorizo a pesquisadora **MARILENE DA SILVA REIS BARRETO**, aluna do curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, realizar sua pesquisa de estudo do trabalho de dissertação na E.M.E.I.E.F. de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo” onde buscará informações para descrever sobre o tema: **“Uso de Histórias em Quadrinhos como Fonte de Leitura e Interpretação para Alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental”**. Estou ciente de que a pesquisa será realizada para cumprimento de exigência da conclusão do curso.

A pesquisadora, após defesa da dissertação fica a incumbência de entregar na Secretaria Municipal de Educação de Presidente Kennedy uma cópia do seu trabalho de pesquisa aprovado pela instituição.

Presidente Kennedy/ES, 27 de março de 2020.

Secretária Municipal de Educação

Fátima Agrizzi Cecon
Decreto Nº 189/2019

Fátima Agrizzi Cecon
Secretária Municipal de Educação
Decreto nº 189/2019

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA DA EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Para dar seguimento à realização desta pesquisa de mestrado, também foi necessária a autorização da atual diretora, Fabíula de Carvalho Barreto, responsável pela EMEIEF de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
PRESIDENTE KENNEDY**
RUA ATILA VIVACQUA, 79 - CENTRO - PRESIDENTE
KENNEDY - ES - 29350-000 - (28)35351363

**EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY
BARRETO DE ARAÚJO"**
JAQUEIRA, S/Nº - CENTRO - PRESIDENTE KENNEDY - ES -
29350-000 - (28)35353033 - epjjaqueira@hotmail.com

Nome da Escola: EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY BARRETO DE ARAÚJO"
Endereço: RUA PROJETADA - JAQUEIRA - PRESIDENTE KENNEDY - ES
Email: epjjaqueira@hotmail.com
Ato de Criação:
Ato de Aprovação:

Telefone: (28)35353033
Data:
Data:

Presidente Kennedy, 16 de Março de 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY BARRETO DE ARAÚJO" ATO DE CRIAÇÃO POR T.E. Nº 2782 DE 26/11/75 (PRE ESCOLA) ATO DE APROVAÇÃO RES. DO C.E.E. Nº 4175 DE 26/11/75 (1º AO 5º) ATO DE APROVAÇÃO RES. DO C.E.E. Nº 2786 DE 09/05/86 (6º AO 9º)

AUTORIZAÇÃO

Eu, **Fabíula de Carvalho Barreto**, Diretora da EMEIEF de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo” autorizo a realização de pesquisa de estudo com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado, a ser conduzido pela pesquisadora **MARILENE DA SILVA REIS BARRETO**, da Faculdade Vale do Cricaré, curso de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação.

Declaro também, que fui informada pela responsável do estudo sobre o objetivo da pesquisa que serão realizadas na instituição de ensino a qual represento. Estou ciente de que a pesquisa será realizada para cumprimento de exigência da conclusão do curso.


FABIULA DE CARVALHO BARRETO
 DIRETORA ESCOLAR
 Aut. Nº 0023/2019

Fabíula de Carvalho Barreto
 Diretora Escolar
 DECRETO Nº 0054/2019

Rua projetada s/n Jaqueira – Presidente Kennedy – ES
CEP: 29350-000 Tel: (28) 3535 - 3033